

Maria Umbelina de Oliveira



**DIFICULDADES DO DOCENTE DO 1º CICLO DO ENSINO FUNDAMENTAL
NUMA ESCOLA INCLUSIVA**

UNIVERSIDADE FERNANDO PESSOA

FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS

MESTRADO EM CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO: EDUCAÇÃO ESPECIAL

Universidade Fernando Pessoa,
Porto, 2019

Maria Umbelina de Oliveira

**DIFICULDADES DO DOCENTE DO 1º CICLO DO ENSINO FUNDAMENTAL
NUMA ESCOLA INCLUSIVA**

Assinatura: _____

Dissertação apresentada à Universidade Fernando Pessoa como parte dos requisitos para obtenção do grau de Mestre em Ciências da Educação: Educação Especial, sob orientação Professora Doutora Ana Paula Antunes Alves.

Universidade Fernando Pessoa,
Porto, 2019

RESUMO

A inclusão dos alunos com necessidades especiais no 1º ciclo do Ensino Fundamental tem sido tema recorrente da formação do professor que se encontra diante de vários questionamentos de como incluir com qualidade. Embora haja uma lei brasileira que versa para a inclusão, o Estatuto da Pessoa com Deficiência, Lei n.13.145/2015, essa por sua vez, traça o perfil dos sujeitos com necessidades especiais, mas não discorre sobre como atendê-los em uma realidade de educação regular, colocando assim, grandes desafios para os educadores. Foi a partir desses questionamentos sobre a inclusão no Ensino Fundamental que surgiu a necessidade de investigar esse tema que tem como objectivo geral: Investigar se o docente está preparado para compreender o processo de inclusão dos alunos com necessidades especiais no ensino regular e como objectivo específico: Identificar as dificuldades encontradas pelos docentes no atendimento as crianças NEE – Necessidades Educacionais Especiais, e as estratégias por eles sugeridas para responder a essas dificuldades. O método utilizado na investigação foi o de um estudo de caso, e como instrumento de recolha de dados foi utilizado um questionário fechado que foi respondido por 20 professores do Ensino Fundamental de uma escola pública do Estado de Santa Catarina- Brasil. Perante os resultados da investigação, verificou-se que a grande maioria dos professores se sente insegura na inclusão dos alunos no ensino regular. Para eles há sempre um grande desafio que envolve a formação em inclusão, a formação continuada, o planeamento e a aplicação das atividades de forma a contemplar o currículo e ao mesmo tempo incluir as diversas necessidades existentes. Contudo, percebe-se que os educadores procuram sempre uma forma de contribuir para que o aluno se sinta incluído e acreditam que é benéfica a interação entre alunos com diferentes habilidades.

Palavras-chave: Educação Especial, Inclusão no Ensino Fundamental; Planeamento inclusivo, Formação Continuada.

ABSTRACT

The inclusion of students with special needs in the 1st cycle of Elementary School has been a recurring theme of teacher training that is faced with several questions about how to include with quality. Although there is a Brazilian law that deals with inclusion, the Statute of the Person with Disabilities, Law n.13.145 / 2015, this in turn, outlines the profile of the subjects with special needs, but does not discuss how to serve them in a reality of regular education, thus posing great challenges for educators. It was from these questions about the inclusion in Elementary School that the need to investigate this theme has as general objective: to investigate if the teacher is prepared to understand the process of inclusion of students with special needs in regular education and as a specific objective: Identify the difficulties encountered by teachers in assisting SEN children - Special Educational Needs, and the strategies suggested by them to respond to these difficulties. The method used in the research was a case study, and as a data collection instrument a closed questionnaire was used, which was answered by 20 elementary school teachers from a public school in the State of Santa Catarina - Brazil. Given the research results, it was found that the vast majority of teachers feel insecure about including students in regular education. For them there is always a great challenge that involves training in inclusion, continuing education, planning and implementation of activities in order to contemplate the curriculum and at the same time include the various needs. However, it is noticed that educators always seek a way to contribute to the student feel included and believe that it is beneficial the interaction between students with different abilities.

Keywords: Special Education, Inclusion in Elementary Education; Inclusive planning, Continuing Education.

DEDICATÓRIA

“Não é o que você faz, mas quanto amor você dedica no que faz...
que realmente importa.” Madre Tereza de Calcutá

Obviamente que esta tese de mestrado será dedicada em primeira instância, ao orientador das minhas ideias e atitudes, ao condutor dos meus passos, meu maior amigo, e o protetor incondicional da minha vida... DEUS!

Com certeza a dedico com todo amor aos meus filhos maravilhosos, Andreia e Gustavo, meus grandes leitores, que por nascerem em meio aos livros, nunca deles se afastaram. Hoje com muito orgulho eu posso vislumbrar o futuro que se desenha para ambos; eu os vejo a galgar o mundo e a sorver o que há de melhor, das mais variadas culturas e saberes, porém sem perderem jamais a essência que lhes passei desde o berço: a honestidade, a verdade, o respeito, a solidariedade e o amor.

A dedico também a meus pais (*in memoriam*) que muito pouco estudaram, mas com toda a sua simplicidade me educaram, me incentivaram e me mostraram o melhor caminho fazendo de mim a pessoa que hoje sou.

Maria Umbelina de Oliveira

AGRADECIMENTOS

“Agradeço a todas as dificuldades que enfrentei, não fosse por elas não teria saído do lugar. As facilidades nos impedem de caminhar. Mesmo as críticas nos ensinam muito.” Chico Xavier

Primeiramente a DEUS, meu companheiro constante, a quem sou grata por tudo o que sou e tenho, e por me permitir enfrentar mais este desafio com confiança.

A minha orientadora Doutora Ana Paula Antunes Alves que com sua atenção e carinho ilimitado, me acompanhou neste grande desafio, o mestrado. E com a riqueza de suas experiências e sua inegável competência, me ajudou a refletir sobre a inclusão, esse tema tão intenso, polêmico e necessário nos nossos dias.

Aos meus amados filhos, sempre estudiosos, grandes desbravadores de sonhos, de novos horizontes e de mundo; que me animaram, auxiliaram e me impulsionaram nessa desafiadora caminhada.

Aos meus queridos netos Bruna e Eduardo, pessoas a quem amo infinitamente, e que com todo amor e paciência, sempre mostraram- se solícitos em me auxiliar diante das minhas possíveis limitações.

Aos meus pais José Boanerges e Umbelina Maria (*in memoriam*) que sempre me estimularam desde criança, me dando muito amor e carinho e apontando sempre o valor do estudo para a vida.

A todos os meus professores que durante toda a minha vida estudantil e acadêmica participaram deixando as marcas indelévels de seus saberes, a firmeza de suas críticas, a doçura de seus estímulos e a alegria da sua companhia, registrados para sempre.

A todos os meus amigos e colegas de mestrado, que como eu atravessaram o oceano, para enriquecer as mentes com novas ideias e culturas, e os corações com novas e valiosas amizades, minha eterna gratidão.

Maria Umbelina de Oliveira

INDICE

RESUMO.....	VI
ABSTRACT.....	VII
DEDICATÓRIA.....	VIII
AGRADECIMENTOS.....	IX
LISTA DE FIGURAS.....	XII
LISTA DE GRÁFICOS.....	XIII
LISTA DE TABELAS.....	XIV
LISTA DE ABREVIATURAS.....	XV
LISTA DE SIGLAS.....	XVI

INTRODUÇÃO.....	- 1 -
------------------------	--------------

PARTE 1 – ENQUADRAMENTO TEÓRICO.....	- 6 -
---	--------------

CAPÍTULO I – OS DESAFIOS DE INCLUIR NO SÉC. XXI.....	- 7 -
---	--------------

1.1 Educação especial no Brasil: uma breve revisão.....	-7 -
1.2 As leis inclusivas e sua aplicação na sala de aula.....	-13 -
1.3 A formação de professores.....	- 15 -

CAPÍTULO II – O ATENDIMENTO COM CRIANÇAS NEE- NCESSIDADES EDUCACIONAIS ESPECIAIS NO PRIMEIRO CICLO DE UMA ESCOLA INCLUSIVA.....	- 19 -
--	---------------

2.1 Os desafios de incluir os alunos com NEE- Necessidades Educacionais Especiais na educação regular.....	- 19 -
2.2 O cuidado do educador frente ao trabalho com crianças com necessidades especiais.....	- 21-
2.3 O planeamento inclusivo.....	- 23 -
2.4 Entre o planeamento e a sua implementação na sala de aula.....	- 25-

PARTE II – ESTUDO EMPÍRICO.....	- 29 -
CAPÍTULO III – ESTUDO EMPÍRICO	- 30 -
3.1 Objetivo geral:.....	-30 -
3.1.1. Objetivo específico.....	- 30 -
3.2 Métodos utilizados.....	- 32 -
3.2.1. Técnicas utilizadas.....	- 31 -
3.3 Desenho Metodológico.....	- 32 -
3.4 Contexto Espacial da Escola.....	- 33 -
3.5 Participantes da pesquisa.....	- 34 -
3.6 Resultados alcançados.....	- 37 -
CONCLUSÃO GERAL.....	- 61 -
REFERÊNCIAS.....	- 63 -
ANEXOS.....	- 68 -
ANEXO 01 – SOLICITAÇÃO PARA A INVESTIGAÇÃO.....	- 68 -
ANEXO 02 – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....	- 69 -
ANEXO 03 – AUTORIZAÇÃO DO QUESTIONÁRIO.....	- 71 -
ANEXO 04 – DECLARAÇÃO DE CONSENTIMENTO.....	- 72 -
ANEXO 05 – GUIÃO DE PERGUNTAS PARA SEREM RESPONDIDAS PELOS PROFESSORES.....	- 73 -
ANEXO 06 – TABULAÇÃO DOS RESULTADOS.....	- 80 -
ANEXO 07 – FOTOGRAFIAS DA ESCOLA.....	- 99 -

LISTA DE FIGURAS

Figura 01: Fachada da Escola.....	- 99 -
Figura 02: Interior da Escola	- 99 -
Figura 03: Atividades na Escola.....	- 99 -

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 01: Caracterização por Idade.....	- 34 -
Gráfico 02: Caracterização por Género	- 34 -
Gráfico 03: Caracterização por Tipo de Professor	- 35 -
Gráfico 04: Caracterização por Grau Académico.....	- 35 -
Gráfico 05: Caracterização por Tempo de profissão	- 36 -
Gráfico 06: Caracterização por Nível de Ensino	- 36 -
Gráfico 07: Formação para atender alunos com NEE	- 37 -
Gráfico 08: Formação que recebeu para atender alunos com NEE.....	- 38 -
Gráfico 09: Formação Contínua dos educadores.....	- 38 -
Gráfico 10: Tempo de cursos de formação.....	- 39 -
Gráfico 11: Qualidade dos cursos de formação.....	- 39 -
Gráfico 12: Especialização em Educação Especial	- 40 -
Gráfico 13: Especialização e domínio	- 40 -

LISTA DE TABELAS

Tabela 01: As aulas com alunos especiais.....	- 41 -
Tabela 02: A inclusão.....	- 43 -
Tabela 03: A formação dos alunos com NEE.....	- 46 -
Tabela 04: A formação dos alunos.....	- 48 -
Tabela 05: Aprendizagem dos alunos com NEE.....	- 50 -
Tabela 06: Pedagógica.....	- 53 -
Tabela 07: Se considera que existe outra condição além das anteriores, indique qual:	- 55 -
Tabela 08: Quais são as dificuldades que sente mais frequentemente no exercício da sua atividade docente, para a inclusão dos alunos com Necessidades Educacionais Especiais no ensino regular?.....	- 56 -
Tabela 09: Na sua opinião quais os conteúdos / disciplinas que deveriam constar nos planos de estudo das escolas de formação de professores, para que estes pudessem atender de forma eficaz todos os alunos?.....	- 57 -
Tabela 10: Este espaço destina-se a comentários / observações que deseja fazer e considere importante sobre o tema focado e que não estejam contemplados neste questionário.	- 59 -

LISTA DE ABREVIATURAS

Art Artigo

LISTA DE SIGLAS

CNE	Conselho Nacional de Educação
CEB	Conselho de Educação Básica
E.M.E.B	Escola Municipal de Educação Básica
LDBEN	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
MEC	Ministério da Educação e Cultura
NEE	Necessidades Educacionais Especiais
PEE	Plano Estadual de Educação
PME	Plano Municipal de Educação
PNE	Plano Nacional de Educação
PPP	Projeto Político Pedagógico
SEDUC	Secretaria de Educação
UE	Unidade Escolar

INTRODUÇÃO

As dificuldades enfrentadas por um docente do 1º ciclo do Ensino Fundamental, em relação a inclusão de alunos com necessidades especiais na educação regular, tem sido um dos maiores temas de investigação dentro da educação. Esta dissertação visa compreender se o docente está preparado para a inclusão do aluno com necessidades especiais na escola regular. A escola inclusiva é aquela que, não só dispõe de práticas pedagógicas flexíveis e espaço físico adequado para receber as crianças com necessidades especiais, mas também é aquela que, por suas atitudes, gesta e prima pelo acolhimento e respeito às diferenças. Deste modo, a presente pesquisa surge da necessidade de investigar os vários aspectos da relação dos docentes com os alunos especiais das séries iniciais do ensino fundamental e como o ato de cuidar corrobora para uma maior compreensão do processo de inclusão.

Quem precisa de cuidado? Ser visto e acolhido, ser cuidado e protegido em seus direitos e suas necessidades? O cuidador enquanto ser humano em relação aos outros, enquanto profissional da educação, enquanto gestor do conhecimento, enfim, cuidar nesse sentido é se dispor a estar presente na educação do sujeito, contribuindo assim, com a melhoria da educação básica no Brasil.

Deste modo, este trabalho abre a discussão sobre os desafios de incluir os alunos com necessidades especiais, em pleno séc. XXI, em sua prática pedagógica e humana no 1º ciclo do ensino fundamental em uma Escola Municipal da Educação Básica. Essa temática abre um novo caminho para o docente no enfrentamento dos desafios que são impostos pela realidade do ensino aprendizagem no Brasil.

Cada vez mais, ao encarar a realidade da inclusão em sala de aula, o docente se depara com uma formação que muitas vezes não alcançou a mesma dinâmica, de uma educação mais exigente que demanda práticas distintas. Ao se atribuir esses desafios na educação, busca-se analisar como a carência de formação adequada limita, mas não anula a atuação deste profissional no auxílio ao desenvolvimento de habilidades e potencialidades ao longo do desenvolvimento da criança.

O docente nesse cenário, ocupa o papel de um colaborador, em que a sua ação no processo do ensino aprendizagem do aluno se torna fundamental para o sucesso da inclusão da criança na escola regular. Desta forma tornam-se possíveis as alterações necessárias que virão contribuir com a melhoria do ambiente escolar, na interação da criança com os outros alunos e na boa convivência social (Glat e Fernandes, 2005).

Essa proximidade do docente, acredita-se que possa facilitar o desenvolvimento interpessoal e motivacional do aluno, como também, estimular as habilidades intelectuais e afetivas de crianças das séries iniciais, pois a escola enquanto extensão da família é imprescindível no processo de desenvolvimento do ensino aprendizagem e para a formação humana.

Se a formação do docente apresenta lacunas diante de uma situação que lhe é imposta por meio de uma lei, que contém ideias lindas e promissoras, mas que ainda não contemplam a prática esperada, então, cabe a toda a docência e a cada um de nós em particular, mergulhar no mundo dos autores e pensadores no âmbito da educação inclusiva. A partir das suas pesquisas científicas, podemos tirar reflexões que irão nortear a nossa prática docente por outras linhas de pensamento e que trarão resultados positivos, neste momento oscilante da educação inclusiva, bem como para o futuro.

Nessa linha, segundo Mantoan (2011), no Brasil os docentes, na sua maioria, encontram muitas dificuldades em discutir a inclusão no contexto educacional, e para além disso, a sua efetivação no espaço escolar. Isso muitas vezes se justifica em função do resultado de uma formação que tiveram na graduação e como profissionais docentes, somados ao stress em sala de aula, a desvalorização profissional e a obrigação de assegurar o conteúdo e o aprendizado dos alunos. O que há pela frente é um trabalho árduo e complexo, cheio de ramificações que precisa de uma base firme e conhecimento de novas práticas pedagógicas.

Partindo do pensamento de Dutra e Griboski (2005), a inclusão traz consigo a transformação do sistema educacional, de maneira que os recursos necessários sejam organizados com o intuito de alcançar os objetivos e as metas para uma educação de qualidade para todos. A inclusão, enquanto movimento de transformação, primeiro vem

focar na permanência do aluno na escola enquanto sujeito de direito, no segundo há a participação num ambiente livre de preconceito e discriminação, e com um currículo aberto e flexível, e o último demonstra o conhecimento adquirido ao longo do processo de aprendizagem. Partindo da sua realidade inclusiva, a educação nos leva a percepção da distância que separa esse processo dinâmico e transformador da vivência dos docentes no universo das salas de aula.

Por isso, reconhecemos como ponto primordial a qualificação dos docentes do ensino regular e o apoio educativo, como uma prioridade para uma educação de qualidade que contempla a todos os alunos.

Para tanto, a investigação buscou responder ao seguinte questionamento: *Qual a realidade com a qual se depara o docente frente à inclusão? De que maneira ele auxilia as crianças com NEE¹ no desenvolvimento de suas habilidades de aprendizagem?*

Para responder a esse questionamento, temos como objetivo geral: Investigar se o docente está preparado para compreender o processo de inclusão dos alunos com necessidades especiais no ensino regular, bem como para cuidar das suas especificidades e limitações.

E como objetivo específico: Identificar as dificuldades encontradas pelos docentes no atendimento as crianças NEE, e as estratégias por eles sugeridas para responder a essas dificuldades.

No que diz respeito a metodologia utilizada na investigação, foi desenvolvido um estudo de caso, tal como refere Ludwig (2015, p. 58),

Diz respeito a uma investigação de fenômenos específicos e bem delimitados, sem a preocupação de comparar ou generalizar. Algumas peculiaridades são próprias do estudo de caso. Uma delas é a de que ele visa identificar novos elementos que muitas vezes o pesquisador não pensa em descobrir.

¹ NEE – Necessidades Educacionais Especiais

A investigação utilizou um questionário com questões fechadas consubstanciado numa análise quantitativa que, segundo Lakatos e Marconi (2016, p. 184)

É um instrumento de coleta de dados, constituído por uma série ordenada de perguntas, que devem ser respondidas por escrito e sem a presença do entrevistador. Em geral, o pesquisador envia o questionário ao informante, pelo correio ou por um portador; depois de preenchido, o pesquisado devolve-o do mesmo modo.

A busca pelos conhecimentos válidos em uma investigação, faz com que o pesquisador utilize métodos técnicos e racionais que possam favorecer a segurança e celeridade do processo investigativo (Lakatos e Marconi, 2016).

Este estudo foi realizado com 30 docentes na E.M.E.B. Professor Pedro Cândido, um estabelecimento de ensino da rede municipal de Lages – Santa Catarina – Brasil, seguindo seleção por conveniência na metodologia quantitativa. Aos docentes foram disponibilizados, num envelope lacrado, um termo de consentimento (anexo 2), como também foi enviado à direção da unidade escolar um pedido de autorização para o desenvolvimento da pesquisa (anexo 1) que resguardará quanto aos aspetos jurídicos e de sigilo.

Foi entregue em mãos aos 30 docentes, um guião de perguntas que foram posteriormente respondidas, porém somente 20 destes retornaram à investigadora, com as mais variadas justificativas. (anexo 5).

A organização, a realização e a coleta de dados ocorreram num período aproximado de 2 a 3 meses, sendo que foram distribuídos em setembro e recolhidos em novembro de 2018.

Como instrumento de recolha de dados foi utilizado um questionário por meio de um guião de perguntas onde os docentes responderam livremente utilizando a escala likert com 4 alternativas. Esse guião é de autoria de Coelho (2012) e foi dado consentimento pela autora, para sua utilização.

A dissertação está dividida em duas partes, sendo que a primeira apresenta: algumas das teorias ligadas à inclusão, os desafios de incluir no séc. XXI, a educação especial no Brasil, a legislação de suporte à inclusão e sua aplicação na sala de aula, a

formação dos professores, o atendimento com crianças com necessidades educacionais especiais, os desafios de incluir na educação regular, o cuidado do educador frente as necessidades do aluno e o planeamento inclusivo e a sua aplicabilidade de facto.

Na segunda parte que envolve o estudo empírico, estão referidos os objetivos da investigação, os métodos utilizados, as técnicas e o contexto espacial da escola, além das informações sobre os participantes e os resultados alcançados.

PARTE I
ENQUADRAMENTO TEÓRICO

CAPÍTULO I: OS DESAFIOS DE INCLUIR NO SÉC. XXI

1.1 Educação especial no Brasil: uma breve revisão

Foi entre os séculos XVII e XVIII que se começaram a identificar as referências às deficiências. Naquele tempo, as teorias e o convívio eram marcados por preconceitos e discriminações. A exclusão era de facto inevitável, mesmo porque nessa época havia muita ignorância e preconceito por parte da sociedade como um todo. Assim,

Percorrendo os períodos da história universal, desde os mais remotos tempos, evidenciam-se teorias e práticas sociais segregadoras, inclusive quanto ao acesso ao saber. Poucos podiam participar dos espaços sociais nos quais se transmitiam e se criavam conhecimentos (MEC, 2001, p. 19).

A exclusão, conforme foi abordada anteriormente, começa pelo acesso à educação, que em muitos casos não possui estrutura, e muito menos, formação específica de seus profissionais, para o atendimento especial. Essa segregação começou a ser vista de forma diferente na Idade Moderna, com o humanismo. Naquele contexto, os hospitais pareciam prisões de deficientes, contudo, foi possível perceber que as adaptações foram surgindo no local, com o intuito de proporcionarem aos sujeitos com necessidades especiais, um atendimento especializado (Fernandes *et al.*, 2011). Nesse ínterim, Mantoan (2006, p. 18) vem postular que

O discurso da Modernidade estendeu suas preocupações contra o imprevisível, a ambiguidade e demais riscos à ordem e a unicidade, repetindo que todos são iguais, todos são livres, mas um “todos” padronizado, dentro de seus pressupostos disciplinadores. Esse discurso sustenta a organização pedagógica escolar e, por seus parâmetros, o aluno diferente (porque ele é indefinido, incoerente, indeterminado) desestabiliza o pensamento moderno da escola, na sua ânsia pelo lógico, pela negação das condições que produzem as diferenças, que são as matrizes da nossa identidade.

Essa igualdade evidenciada por Mantoan (2006), não proporcionou aos sujeitos deficientes uma garantia de relações justas, pelo contrário, as políticas públicas não têm conseguido garantir, nas escolas, solução para o problema das diferenças.

Foi no final do ano de 1950, que a educação especial começou a ser conhecida no cenário da educação brasileira. Isso se deu após um longo processo de mudança no Plano de Educação Nacional, com isso, foi preciso a modificação das bases para o atendimento escolar de alunos com deficiência. Foi um salto evolutivo, passando de uma fase assistencial, médica e psicológica, onde se visava apenas o bem-estar físico e psíquico dos indivíduos, para uma fase de integração da educação especial, enquanto processo de inclusão total e incondicional de alunos com necessidades especiais no ensino regular.

Kassar (2011) discorre que todo o conteúdo referente ao atendimento na área da educação especial se encontrava na parte da educação básica, na qual era oferecida à população que não apresentava diferenças ou *características ditas anormais*. Dessa maneira, a educação especial se estabeleceu como um campo de atuação específico, muitas vezes sem diálogo com a educação comum. Esta separação culminou no aparecimento de um sistema paralelo de ensino e em locais separados dos outros alunos.

Essa realidade é apresentada, segundo o estudo de Rossetto (2004, p. 2):

A educação especial, no Brasil instituiu-se e expandiu-se por meio de instituições privadas de caráter filantrópico, através da iniciativa de familiares, onde haviam membros deficientes. Teve seu início no período colonial em 1600, com a criação de uma instituição particular especializada na área de deficiência física, junto a Santa Casa de Misericórdia em São Paulo. Em 1854, no Rio de Janeiro ocorreu a criação do Instituto dos Meninos Cegos, atualmente Benjamin Constant. No ano de 1856, o Instituto de Surdos-Mudos, hoje Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES) Rio de Janeiro. Em 1932, fundada a Sociedade Pestalozzi de Belo Horizonte, através da educadora Helena Antipoff, com a finalidade de prestar atendimento ao deficiente mental e, em 1954, com a iniciativa de familiares no sentido de buscar alternativas para os filhos deficientes mentais, surge o movimento das Associações de Pais e Amigos dos Excepcionais APAE.

Segundo Prieto (2006) na década de 1960 e 1970, no Brasil foram elaboradas propostas de atendimento educacional para pessoas com deficiência, com o intuito de que elas estivessem inseridas no mesmo meio e bem próximas dos demais alunos. Nessa época, ocorreram movimentos nacionais e internacionais em prol das pessoas que se encontravam nessas condições, na busca do direito a terem acesso aos bens e serviços sociais, inclusive a classe comum. Como os princípios da educação inclusiva seguem se

fortalecendo desde a década de 1990, o que se observa é que na prática, o que ainda predomina é o modelo da integração escolar.

Nessa linha, existe uma determinação legal que garante a inclusão de sujeitos, que outrora não faziam parte da escola comum. A resolução do CNE/nº2 de 2001, que determina que:

Os sistemas de ensino devem matricular todos os alunos cabendo às escolas organizarem-se para o atendimento aos educandos com necessidades educacionais especiais, assegurando as condições necessárias para uma educação de qualidade para todos (MEC/SEESP, 2001, p. 2).

Segundo Nóvoa (1995), se a legislação atual ressalta a inclusão escolar, há com ela o surgimento de novos paradigmas e novas necessidades inclusivas, a partir da releitura da atualidade. Hoje, conceitos que antes eram considerados verdadeiros passam a ser ultrapassados tendo em vista uma nova realidade. A atualização das tecnologias e das técnicas e até os pensamentos humanos partem para outras direções, retratando que não existem verdades absolutas e sim conceitos que mostram o momento atual de uma sociedade e de uma cultura.

Esses movimentos sociais deram visibilidade as pessoas que antes não eram vistas pela sociedade em que pertenciam, sendo em muitos casos, discriminados e até segregados. Foi a partir da Declaração Universal dos Direitos Humanos (ONU, 1948) que esses grupos passaram a ser vistos com espaço e direitos, notadamente nas instituições escolares.

Suas especificidades e dificuldades passaram a ser consideradas por legislações específicas que traziam a possibilidade de inseri-los e incluí-los em alguns segmentos da sociedade. A partir daí, as turmas escolares deixaram de ser vistas como homogêneas com crianças ideais, totalmente controladas, passando para uma visão diferente, real, heterogênea, com crianças oriundas de diferentes realidades e com atitudes e qualidades diversas.

Com isso, surge a necessidade de um profissional com ações reflexivas que em seu planejamento seja capaz de abranger toda a diversidade presente em sua sala de aula, como afirma Sardalla (1997, p. 19).

(...) a releitura da situação pode favorecer uma mudança de atitude, uma reorganização de procedimentos a percepção de suas contradições e das existentes entre o que posteriormente pensa que deveria ter feito e o que efetivamente fez naquele momento preciso.

Assim, para que haja efetivamente uma proposta inclusiva, os sistemas educacionais têm que assumir as responsabilidades para criar condições de constituírem uma educação de qualidade para todos, adequando-as para que atendam às necessidades educacionais especiais das crianças com deficiência. Sasaki (1988, p. 9) expõe o paradigma da inclusão

Esse paradigma é o da inclusão social – as escolas (tanto comuns como especial) precisam ser reestruturadas para acolherem todo espectro da diversidade humana representado pelo alunado em potencial, ou seja, pessoas com deficiências físicas, mentais, sensoriais ou múltiplas e com qualquer grau de severidade dessas deficiências, pessoas sem deficiências e pessoas com outras características atípicas, etc. É o sistema educacional adaptando-se as necessidades de suas crianças (escolas inclusivas), mais do que as crianças adaptando-se ao sistema educacional (escolas integradas)

A inclusão escolar deve ser caracterizada como um processo contínuo em que, as soluções vão sendo encontradas a partir da demanda do enfrentamento de possíveis barreiras da aprendizagem dos alunos, e esse processo deve ser contínuo, pois novos alunos sempre estão chegando e novos desafios surgirão a partir das demandas já existentes. Para Stainback e Stainback, (1999, pp. 21/22) há três componentes práticos interdependentes no ensino inclusivo:

O primeiro deles é a rede de apoio, o componente organizacional, que envolve a coordenação de equipes e de indivíduos que apoiam uns aos outros através de conexões formais e informais (...): grupos de serviço baseado na escola, grupos de serviço baseado no distrito e parcerias com as agências comunitárias. O segundo componente é a consulta cooperativa e o trabalho com equipe, o componente de procedimento, que envolve indivíduos de várias especialidades trabalhando juntos para planejar e implementar programas diferentes para os alunos em ambientes integrados. O terceiro é a aprendizagem cooperativa, o componente do ensino, que está relacionado à criação

de uma atmosfera de aprendizagem em sala de aula em que alunos com vários interesses e habilidades podem atingir seu potencial.

Impactar o desenvolvimento da criança através do fazer pedagógico se torna uma das tarefas mais arrojadas, transformadoras e prazerosas, capazes de oferecer ao aluno condições de avançar no processo de ensino aprendizagem. Os desafios com os quais nos deparamos são infinitos, e precisamos admitir que permanece arraigado em nossas convicções a cultura do “esse não aprende”, quando se trata da inclusão. Toda a criança a qualquer tempo pode angariar novos saberes. A respeito disso Padilha (2001, p. 108) reflete que

Isso só é possível com base em um projeto político pedagógico que defina com clareza, seu papel de conhecer, reconhecer e programar a sua tarefa de criação positiva de forma de trabalho, que respondam as peculiaridades de seus educandos; tanto as peculiaridades pessoais de gênese biológica quanto as que são construídas na vida social, nas relações concretas de vida de cada um.

Faz-se necessário que providências sejam tomadas no sentido de se conhecer e fazer uso de meios que viabilizem o direito à educação, estipulados pela Constituição Federal do Brasil de 1988: o mandado de segurança coletivo, o mandado de injunção e a ação civil pública, sobre isso Oliveira (2001, p. 33) analisa que:

(...) a própria declaração desse direito [à educação], pelo menos no que diz respeito à gratuidade, constava já na Constituição Imperial. O que se aperfeiçoou, para além de uma maior precisão jurídica evidenciada pela redação – foram os mecanismos capazes de garantir, em termos práticos, os direitos anteriormente enunciados, estes, sim, verdadeiramente inovadores.

Tradicionalmente no Brasil, é a educação especial que tem assumido as responsabilidades por essa gama de atendimentos. Diante disso, para Sousa e Prieto (2002, p. 123) “tem-se previsto o ‘especial’ na educação referindo-se a condições que possam ser necessárias a alguns alunos para que se viabilize o cumprimento do direito de todos à educação”.

O que se tem como princípio e como principal objetivo é a defesa da educação escolar para todos, e isso inclui a educação inclusiva. Nesse sentido, vale ressaltar que mudanças na educação brasileira nessa linha de pensamento, sempre estarão vinculadas

a um conjunto de mudanças drásticas no sistema de ensino, capazes de desinstalá-lo das velhas e arraigadas práticas.

Uma escola pública dentro do seu papel social precisa fazer desencadear uma educação inclusiva, sendo dessa forma, a propulsora da tão desejada inclusão. Mantoan (2003, p. 9) refere que

(...) aprendemos a ensinar segundo a hegemonia e a primazia dos conteúdos acadêmicos, e temos naturalmente, dificuldades de nos desprendermos desse aprendizado, que nos refreia no processo de ressignificação do nosso papel, seja qual for o nível de ensino que atuamos.

Uma educação na perspectiva inclusiva necessita de participação de toda equipa pedagógica no processo educativo, para que as atividades propostas possibilitem a participação de todos os alunos, deficientes ou não com isso cada passo dado precisa ser seriamente avaliado, e a reflexão deve ser constante. Silva (2001, p. 143) vem alertar que os profissionais precisam:

(...) deixar de exercer um papel que foi tradicionalmente individual, e passar para uma atuação que exige compartilhar metas, decisões, instruções, responsabilidades, avaliação da aprendizagem, resolução dos problemas e a administração da sala de aula. Os professores precisam começar a pensar como “nossa” para superar os medos inevitáveis e tensões associadas com as mudanças.

Andrade e Caron (2016, p. 55) apontam que:

As circunstâncias que permeiam a ação docente no cotidiano escolar vigente levam a desacreditar na possibilidade da criança com deficiência, vir a se desenvolver e se apropriar dos saberes. Grandes questionamentos nos incomodam no que se refere a política das leis, pois sabemos que a inclusão está validada pela legislação, porém somente a força da lei não é suficiente, há que se construir uma prática pedagógica que propicie à criança com deficiência a apropriação do saber. Na realidade essa situação gera insegurança e leva a pensar que em determinadas situações a inclusão acaba excluindo, pois as escolas não dispõem de estrutura física e nem humana apropriada para fazer acontecer o que está disposto na lei.

Segundo Prieto (2006, p. 51) o panorama atual mostra que:

Hoje, parte da responsabilidade administrativa, financeira e pedagógica; pelo acesso e pela permanência dos alunos com necessidades educativas especiais, vem sendo transposta progressivamente para os municípios. Isso vem ocorrendo por conta da municipalização do ensino fundamental, viabilizada pela política educacional brasileira. O impacto que este facto vem provocando no atendimento a esses alunos é considerável.

Desta forma, as saídas encontradas pelas prefeituras são as mais diversas, de acordo com suas possibilidades, grau de compreensão e aceitação da lei:

- a) Criaram formas de atendimento educacional especializado;
- b) Ampliaram ou mantiveram seus auxílios e serviços especiais de ensino;
- c) Estão “apenas” matriculando esses alunos nas suas redes de ensino;
- d) Desativaram alguns serviços prestados (programa de transporte adaptado) (Prietro, 2006, p. 26).

Vale lembrar que estudos em processo, nos apontam que os municípios brasileiros pretendem uma implantação de auxílios especiais com características e funcionamentos diversos. Notadamente, desde meados da década de 1990, muitos municípios sinalizaram, como perspectiva, o desejo de atender aos princípios da educação inclusiva.

Mas para isso acontecer, teriam que haver mudanças nas políticas educacionais, em se tratando da estrutura e organização administrativo pedagógica das escolas, e propostas favoráveis ao sucesso do andamento da educação inclusiva.

1.2 As leis inclusivas e sua aplicação na sala de aula

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei Nº 4.024/61, veio proporcionar aos alunos conhecidos naquele contexto como especiais, o direito à educação, enquadrando-se, dentro do possível, no sistema geral de educação, onde estariam inclusos tanto os serviços educacionais comuns como os especiais. E a consequência disso, muitas vezes era a marginalização dos indivíduos que não se enquadravam a esse sistema (Mantoan, 2015).

Esses indivíduos eram institucionalizados e viviam longe do convívio social geral, passando por períodos em que eram separados em escolas ou classes especiais estabelecidas de acordo com as

características de suas deficiências, entendendo que sua participação em ambientes comuns só seria possível mediante um processo de normalização [...]. A escola e a classe especial destinada à educação do deficiente tinham como meta a normalização do sujeito de forma que pudesse se assemelhar o máximo possível com os sujeitos normais, para então, e só então, poderem ser integrados ao convívio comum, nesse caso a escola comum. Essa meta, além de negar a condição de diferença vem estabelecer parâmetros homogêneos de desenvolvimento, como se isso fosse possível (Carneiro, 2013, pp. 82 / 83).

Vemos que no Brasil há muitas leis e documentos internacionais que embasam a questão da Educação Inclusiva:

2004 – Cartilha – O Acesso de Alunos com Deficiência às Escolas e Classes Comuns da Rede Regular: o Ministério Público Federal divulga o documento com o objetivo de disseminar os conceitos e diretrizes mundiais para a inclusão. **2007 – Decreto nº 6.094/07:** estabelece dentre as diretrizes do Compromisso Todos pela Educação a garantia do acesso e permanência no ensino regular e o atendimento às necessidades educacionais especiais dos alunos, fortalecendo a inclusão educacional nas escolas públicas. **2008 – Política Nacional de Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva** Traz as diretrizes que fundamentam uma política pública voltada à inclusão escolar, consolidando o movimento histórico brasileiro. **2009 – Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência.** Aprovada pela ONU e da qual o Brasil é signatário. Estabelece que os Estados Parte devem assegurar um sistema de educação inclusiva em todos os níveis de ensino. Determina que as pessoas com deficiência não sejam excluídas do sistema educacional geral e que as crianças com deficiência não sejam excluídas do ensino fundamental gratuito e compulsório; e que elas tenham acesso ao ensino fundamental inclusivo, de qualidade (Revista inclusão, 2016, p. 3).

Assim, com normas nacionais e internacionais, o direito à educação especial passa a ser mais valorizado e aplicado.

O MEC (2007) retoma a Política Nacional de Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva, como regulador e orientador dos sistemas de ensino, para promover ações que visem às necessidades educacionais especiais, e que garantam:

Transversalidade da educação especial desde a educação infantil até a educação superior;
Atendimento educacional especializado;
Continuidade da escolarização nos níveis mais elevados do ensino;
Formação de professores para o atendimento educacional especializado e demais profissionais da educação para a inclusão escolar;
Participação da família e da comunidade;

Acessibilidade urbanística, arquitetônica, nos mobiliários e equipamentos, nos transportes, na comunicação e informação; e Articulação intersetorial na implementação das políticas públicas (Ministério da Educação - MEC, 2007, p. 8).

Percebe-se que cada indivíduo é especial em suas características e em seu desenvolvimento, bem como nos cuidados com suas necessidades educativas. Há diferenças e semelhanças, e isso as crianças vão descobrindo em seus colegas da mesma faixa etária, ao longo do desenvolvimento. Para isso é fundamental o educador perceber o aluno de forma singular, captá-lo em toda a sua especificidade, e ter um programa direcionado a atender as suas necessidades especiais, pois é a percepção deste conjunto que vai comandar o processo em sala (Mrech, 1997).

1.3 A formação dos professores

A realidade de hoje, é que cada vez mais escolas (públicas e particulares) atendem crianças com NEE, conseqüentemente, gera uma mobilização dos seus profissionais de maneira a atualizarem seus conhecimentos, no intuito de promover a adaptação e o atendimento pedagógico das mesmas (Cintra *et al.*, 2009).

Tendo em vista que o objetivo do sistema de ensino é receber todos os alunos nas classes comuns do ensino regular, essa recepção só ocorrerá após formação desses profissionais da educação, bem como aos técnicos administrativos, pois todos estão envolvidos na educação como um todo. Mantoan (2006, p. 56) coloca que

A formação de profissionais da educação é tema de destacado valor quando a perspectiva do sistema de ensino é garantir a matrícula de todos os alunos no ensino regular, particularmente na classe comum. Sem deixar de considerar que em educação atuam profissionais no âmbito técnico-administrativo e em outras funções, com importante papel no desenvolvimento de ações educacionais.

Diante de um sistema de ensino que se coloca como atuante, vê-se com clareza a necessidade da formação continuada do professor, para que este possa desenvolver com competência, um trabalho comprometido que viabilize o processo de ensino aprendizagem em sua sala de aula, abrangendo todos os alunos como prevê a lei.

Os professores diante de uma formação continuada, deverão ser capazes de analisar e compreender quais são as competências e habilidades conhecidas pelas crianças com necessidades especiais, com isso, eles terão condições de planejar um material que possa atender tanto a demanda, quanto a necessidade de uma educação de qualidade:

O conhecimento dos domínios teóricos e práticos dos professores é essencial para subsidiar a formulação de políticas para a sua continuada formação pelo sistema de ensino. Isso impõe a necessidade de levantar informações sobre esse, para pelo menos, identificar seu perfil acadêmico e sua experiência com alunos que apresentam necessidades educacionais especiais e projetar formas de lhes prover esse conhecimento, aproximando o conteúdo da formação às suas expectativas e necessidades. (Mantoan, 2006, p. 59)

É de extrema relevância o papel reflexivo do professor na área da educação inclusiva, no sentido de aproveitar a valiosa oportunidade de se superar, na busca de diferentes caminhos que o leve a atingir o aluno incluso e simultaneamente, os demais.

Segundo Mantoan (2011) apesar disso, a realidade do Brasil, demonstra que os professores, no geral encontram muitas dificuldades quando se fala em educação inclusiva, quando do seu trabalho em sala de aula. Resultado de uma formação que tiveram como alunos e como profissionais docentes, somados ao estresse em sala de aula, a falta de uma remuneração justa e a obrigação de assegurar o conteúdo e o aprendizado dos alunos.

O trabalho com a diversidade demanda dos professores o desenvolvimento de habilidades interpessoais que, entre outros aspectos, permitem a intensificação das trocas sociais e o aprimoramento da qualidade das relações afetivas estabelecidas no contexto escolar. Através da mediação docente é possível preparar os alunos para o respeito e a convivência com as diferenças, por meio de práticas colaborativas que desconstruam preconceitos e assegurem igualdade de direitos de todos. Entretanto devido à uma formação fragmentada, descolada da realidade escolar e excessivamente teórica, muitos profissionais, ao se depararem com as demandas do cotidiano escolar especialmente ao que se refere ao saber-fazer, aos métodos de ensino e ao manuseio dos recursos pedagógicos - sentem-se despreparados para a tarefa de educar a todos, principalmente quando se trata dos alunos público- alvo da educação especial (Garnica *et.al.*, 2016, p. 60).

Quando se analisam algumas leis que versam sobre educação especial na perspectiva da inclusão, é possível notar que a formação do professor deve acontecer de forma sólida, desde a sua formação inicial quanto na formação continuada. Segundo o Decreto nº3298 de 1999, que regulamentou a Lei nº 7853 de 1989 em seu artigo 49, prevê a formação e qualificação de professores em todas as áreas do ensino, e que as mesmas atendam às demandas da pessoa portadora de deficiência, bem como haja o incentivo à pesquisa e o desenvolvimento de tecnologias em todas as áreas do conhecimento que visem atingir a pessoa portadora de deficiência. (Garnica *et al.*, 2016)

Mas isso é um paradoxo, frente ao que se pode observar no Brasil de hoje, pois tal decreto não aborda sobre o que deve fazer enquanto profissional da educação, apenas indica que o mesmo deve receber formação para atuação na educação especial. O que de facto se reflete na insegurança que muitos professores enfrentam quando uma criança portadora de necessidades especiais é inserida em sala de aula, pois não há uma receita pronta para a inclusão, mas sim atitudes inclusivas.

Para Carneiro (2013) o grande dilema que se visualiza nas escolas brasileiras, é o facto de que o fazer do professor da classe comum é específico para crianças sem necessidades especiais, e quando ele recebe um aluno com necessidades específicas, é necessário mudar todo o seu planeamento, para que seja flexível, eficiente e de qualidade, mas nem sempre isso acontece. A flexibilização curricular deve englobar toda a prática pedagógica do professor, a partir do planeamento de suas atividades, considerando as diversas formas de aprender dos alunos. No caso de alunos com deficiência, as estratégias devem ser elaboradas, considerando cada característica específica de aprendizagem, aulas diferenciadas que incluam a criança, metodologias, estratégias e recursos que se adequem às necessidades individuais considerando a evolução de cada criança, de modo particular. Com isso, a educação infantil assume um papel importante no desenvolvimento e aprendizagem de alunos com necessidades especiais, enquanto espaço de experiências significativas.

Desta maneira a inclusão possibilita que professores e alunos aprendam juntos a respeitar as diferenças, pois a educação inclusiva acolhe a todos. Conviver e interagir com

pessoas diferentes, é considerar e valorizar o outro como ele é, respeitando as suas especificidades (Andrade e Caron, 2016).

Nóvoa (1995), Perrenoud (2000) e Silva (2001) afirmam que a formação continuada tem, entre outros objetivos, o de formar o profissional da educação para agir de forma prudente, frente aos desafios que encontrarão no processo de inclusão. Assim,

Propor novas metodologias e colocar os profissionais a par das discussões teóricas atuais, com a intenção de contribuir para as mudanças que se fazem necessárias para a melhoria da ação pedagógica na escola e conseqüentemente da educação. [...] conhecer novas teorias, faz parte do processo de construção profissional, mas não bastam, se estas não possibilitam ao professor relacioná-las com seu conhecimento prático construído no seu dia a dia (Silva, 2001, p. 2).

O cenário atual revela que algumas escolas têm se empenhado em oferecer formação continuada a seus profissionais propondo palestras, oficinas, congressos com informações valiosas, porém não há garantia de que esses profissionais estejam preparados para transpor esses conhecimentos para sua prática, para a realidade da sua sala de aula. Como afirma Sardalla (1997, p. 19),

Não basta, deste modo, reciclar os professores em cursos que objetivem mudar a sua ação no processo ensino aprendizagem. É fundamental que ele seja auxiliado a refletir sobre sua prática e organizar suas próprias teorias, a compreender as bases de suas crenças sobre este processo, de modo que, tornando-se um pesquisador de sua ação, possa contribuir sobremaneira para a melhoria do ensino ocorrido em sala de aula.

O autor nos coloca a luz da reflexão sobre a atuação do educador em incluir de facto o aluno com necessidades educacionais especiais. Ele entende que de nada resolve reciclar ou até mesmo, formar educadores inclusivos, se estes não assumem na prática.

CAPÍTULO II: O ATENDIMENTO COM CRIANÇAS NEE- NECESSIDADES EDUCACIONAIS ESPECIAIS NO PRIMEIRO CICLO DE UMA ESCOLA INCLUSIVA

2.1 Os desafios de incluir os alunos com NEE- Necessidades Educacionais Especiais na educação regular

O processo de inclusão na educação regular, tem se tornado nos últimos anos um desafio para o docente e os gestores. Nesse impactante desafio de incluir, a escola aparece com um papel de destaque que não se limita somente à função educativa nos bancos escolares, abrange a formação desse indivíduo na sua totalidade, como pessoa dotada de intelecto e como cidadão, capaz de ser solidário, tolerante, respeitoso, compreensivo, cooperativo, ético e conseqüentemente, mais humano (Sampaio e Sampaio, 2009).

Diante disso, Mazzota e Sousa (2000, p. 19), vem postular que:

Numa sociedade onde a crescente falta de respeito a si e ao outro se exterioriza em discriminação negativa, competição, corrupção, marginalização e exclusão; onde a solidariedade, tolerância, aceitação e cooperação têm sido atitudes raras em suas variadas instâncias, e a ética tem sido algo cada vez mais distante e desconhecida nas relações humanas, por certo muito se espera da escola.

Diante dessa intolerância, a busca pela cooperação e inclusão tem sido o foco das últimas décadas na educação básica. Nessa linha, se a educação inclusiva oferece um ensino que traz sentido para a criança e respeita sua individualidade, vai lhe oportunizar a compreensão de que, a todos é dado uma variedade de direitos e também de deveres, como também inúmeras possibilidades e oportunidades de crescimento e aprendizado através de experiências diárias de vida, reflexões e construção do próprio conhecimento e dos outros (Sampaio e Sampaio, 2009).

Sobre isso, Crochik (2002, p. 295) ressalta:

(...) auxiliar os que não sabem com o seu saber e aprender pela própria experiência, os seus limites e os dos outros, [experiências que] podem dar-lhes algo que a busca da perfeição impede: o entendimento da vida e a possibilidade de vivê-la.

Sampaio e Sampaio (2009) apontam que não podemos nem devemos sonhar com uma escola pronta para receber os alunos com NEE, mas sim construí-la na interrelação e na busca constante, pois ao invés de aprendermos como incluir, a lei nos impetra uma outra realidade: temos que acolher e incluir, e depois aprender como fazer.

Muitas vezes o entrave para que haja a igualdade de oportunidades na diversidade são os valores, por vezes esquecidos, como o respeito e a solidariedade que precisam estar presentes no cotidiano das nossas escolas para que a inclusão de facto aconteça. Assim,

(...) somos portanto partidárias da posição já assumida por muitos educadores, de que a inclusão é uma prática inovadora que deve ser construída com intervenções na realidade, ao invés de esperar que a escola fique pronta para receber esses alunos...em vez de aprender para incluir, incluir para aprender...mas que a escola esteja aberta para um longo processo de reflexão e crítica de sua prática.(Sampaio & Sampaio, 2009, p. 24)

Mantoan (2015), seguindo a linha de incluir sem excluir, aponta que:

Alguns professores sentem-se abalados pela inclusão; outros atraídos pela sua arquitetura educacional. Aquele que se dispõe a ensinar a turma toda deixa de lado o falar, o copiar e o ditar como recursos didáticos pedagógicos (...) Certamente um professor que participa da caminhada do saber com os alunos consegue entender melhor as dificuldades e possibilidades de cada um. (...) o professor inclusivo não procura eliminar a diferença em favor de uma suposta igualdade do alunado- tão almejada pelos que apregoam a homogeneidade das salas de aula. Ele está atento aos diferentes tons das vozes que compõem a turma, promovendo a harmonia, o diálogo, contrapondo-as, complementando-as. (...) O argumento mais frequente dos professores, quando resistem a inclusão, é não estarem (ou não terem sido) preparados para esse trabalho. (Mantoan,2015, p. 78/79).

Desta forma, Mantoan (2011) encaminha a uma reflexão profunda e contundente acerca dos imensos desafios para incluir no ensino regular, visto que o professor advindo de uma formação basicamente tradicional, vê na inclusão, obstáculos que lhe parecem intransponíveis.

O facto é que a inclusão é uma realidade necessária e, diante da diversidade cabe ao professor a possibilidade e a coragem de delinear caminhos que oportunizem a socialização do aluno e o ajudem a aprender, acompanhando e respeitando a singularidade de cada um.

2.2 O cuidado do educador frente ao trabalho com crianças com necessidades especiais

Trabalhar com crianças com necessidades especiais, requer um cuidado maior daqueles que estarão diretamente envolvidos com o processo de ensino aprendizagem. Nessa linha, Mantoan (1998, p. 46) considera como fundamental “o exercício constante de reflexão e o compartilhamento de ideias, sentimentos e ações entre os professores, diretores e coordenadores da escola.”

A autora sinaliza para uma formação de grupos de estudo e reflexão envolvendo todo o corpo docente da escola. Alerta para um olhar focado na compreensão dos problemas educacionais e na interdisciplinaridade. Desta forma o professor terá ferramentas essenciais de contribuição para construir seu próprio conhecimento, a partir do “incômodo” que lhe causou a situação da inclusão.

Ela ainda ressalta que através de estudos teóricos que valorizam os conhecimentos prévios, é que se consolidará a autonomia de professores e alunos, conduzindo a uma postura que vai muito além da deficiência do aluno incluso, valorizando as suas competências

Numa abordagem sobre os rumos do ensino no intuito de se ter uma escola “...aberta para todos,” Mantoan (2015 *cit. in* Sampaio e Sampaio, 2009, p. 97) alerta para o desenvolvimento do trabalho coletivo e atividades diversificadas na sala de aula.

(...) experiências de trabalho coletivo, em grupos pequenos, mudam esse cenário educativo, exercitando: a divisão e o compartilhamento com seus pares; o desenvolvimento da cooperação; o sentido e a riqueza da produção em grupo; e o reconhecimento da diversidade dos talentos humanos, bem como a valorização do trabalho de cada pessoa para a consecução de metas que lhes são comuns (Mantoan 2015, p. 70).

A autora reforça que auxiliar o colega com dificuldade é uma atitude nobre e que denota humanidade, além de sentir-se útil, porém, esse tipo de atitude não vem

acontecendo nas escolas com a frequência que se desejaria, levando em conta o espírito competitivo da sociedade que acaba interferindo na escola.

Onde existe a dificuldade de aprendizagem acentuada, a afetividade e a cognição precisam estar intimamente ligadas. O vínculo afetivo entre os colegas e entre professor e aluno transformam-se em cuidado, pois na ação de instruir e ajudar tem um pouco da ação de cuidar.

Sampaio e Sampaio (2009, p. 103), em decorrência de estudos e a partir de dados, deduzem:

(...) quatro eixos parecem caracterizar a postura de um professor inclusivo:

*Valorização da singularidade do aluno e respeito ao seu ritmo, ressaltando suas possibilidades e não apenas sua deficiência.

*Atenção ao vínculo professor-aluno.

*Uso adequado do diagnóstico.

*A presença de um desejo de aprender vibrante no professor.

A fim de que esteja aberto à busca de alternativas de intervenção, diante da inegável dificuldade em aprender, dos alunos com deficiência.

As autoras focam em seus estudos, a importância da valorização do potencial de cada aluno em relação a sua deficiência, considerando assim, a afetividade entre professor e aluno como uma grande aliada no desenvolvimento da aprendizagem do aluno. Ressaltam que a informação contida no diagnóstico da criança, deve servir para facilitar a intervenção pedagógica e não para dificultar, como também ressaltam que é de vital importância o encantamento do professor na ânsia de aprender, para poder trabalhar com segurança com os alunos inclusos. Já Bastos (2005, p. 146) ressalta que:

(...) a importância desse trabalho com os professores se dá, não só no sentido da acolhida de suas experiências, atendendo a uma demanda imaginária, como na direção oposta de produzir “furos” no imaginário, trabalhando com as idealizações que imperam no campo educativo, para dar lugar ao simbólico, a um fazer que seja de ordem de um possível (...) dentro de uma perspectiva menos idealizada sobre o papel do professor.

O compromisso do professor de trabalhar com alunos “diferentes”, o transporta para a necessidade de orientações no desempenho dessa árdua tarefa. Para isso, sugere-se a troca de experiências positivas, que irão ampliar os horizontes de perguntas, respostas e sugestões.

Desta forma se abrirá para o professor um leque de possibilidades em lugar das queixas constantes, sobre as atitudes imprevisíveis dessas crianças. Quando esses profissionais compreendem que não existem respostas prontas, sem dúvida partirão para a busca de suas próprias respostas frente a particularidade de cada aluno (Bastos, 2005).

2.3 O Planejamento inclusivo

Incluir um aluno com necessidades especiais sem fazê-lo sentir-se excluído em sala de aula, não é uma tarefa fácil para o educador. Para que isso seja efetivado, muitas vezes ocorre pelo planejamento pedagógico, que vem contribuindo para o processo de ensino aprendizagem do aluno que necessita ter um atendimento diferenciado. Diante o exposto, Sampaio e Gonçalves (2004, p. 67) discorre:

(...)os objetivos de reuniões de análise prática é (...) permitir a elaboração psíquica que promova a necessidade de refletir pela mediação da palavra trocada, sobre o que poderia ter sido congelado, bloqueado ou se transformado em dor pela prática, ao longo do cotidiano arriscado com esses jovens em dificuldades.

Incluir é o maior desafio que visita o educador na atual realidade educacional, diante disso, o planejamento inclusivo encaminha para horizontes e alternativas jamais pensadas (Sampaio e Sampaio, 2009).

Sua elaboração tende a reunir e ligar todos os profissionais da educação atuantes no ambiente escolar, numa teia de pensamentos e reflexões acerca da aceitação de todos os alunos, com dificuldades ou não, levando em conta as consequências advindas de anteriores práticas do cotidiano escolar, frente aos alunos que apresentam dificuldades, bem como aos demais. Como tão bem descreve Patto (2005, p. 12) esses profissionais:

(...) além de saberem do mal-estar inevitável que há no processo educativo, sabem do mal-estar evitável que advém dos preconceitos e das condições de formação e de trabalho dos educadores. Daí a importância atribuída à parceria com os educadores da escola.

O desafiante planejamento inclusivo bate forte nos pré-conceitos que têm os educadores, com relação as práticas pedagógicas que até então foram utilizadas, e consideradas certas, tendo em vista a carência na sua formação acerca da inclusão.

O impacto da inclusão faz com que o educador saia da sua zona de conforto, parta para uma tomada de atitude, e assim possa estabelecer parcerias, principalmente entre gestores e educadores de diversas outras áreas do conhecimento, para troca de ideias e construção da nova prática (Patto, 2005).

Para Mantoan (2015, p. 67/68):

(...) a reorganização das escolas depende de um encadeamento de ações centradas no projeto-pedagógico. Esse projeto que já se chamou de “plano escolar” e de outros nomes parecidos, é uma ferramenta de vital importância para que as diretrizes gerais de organização/funcionamento da escola sejam traçadas com realismo e responsabilidade. (...) os dados do projeto político-pedagógico esclarecem o gestor, professores, coordenadores e funcionários sobre a clientela e os recursos- humanos e materiais- da escola. Os currículos, a formação das turmas, as práticas de ensino e a avaliação são aspectos da organização pedagógica das escolas, são revistos e modificados com base no que for definido também pelo projeto-pedagógico de cada escola.

A autora vem nos alertar para o significado de um projeto político-pedagógico que contemple um planejamento inclusivo. Sua construção acontece no coletivo da escola com a participação de todo o corpo docente por isso, todas as informações sobre materiais, recursos, alunos e ações emergirão e, a partir dessa comunhão de ideias provenientes de tantas cabeças pensantes, são traçados os rumos dos trabalhos a serem desenvolvidos na escola com um olhar na realidade e com senso de responsabilidade. Com isso, Mantoan (2015, p.76) aponta para

(...) escolas inclusivas envolvem uma reorganização completa dos processos de ensino e uma concepção diferente de aprendizagem escolar; ensinam o que suas turmas decidem- em conjunto com o professor- que vão estudar com base nos seus currículos. (...) A possibilidade de ensinar sem discriminações, sem métodos e práticas de ensino especializados/adaptados deriva de uma

reestruturação do projeto pedagógico da escola e das reformulações que este projeto propõe, de modo que a instituição se ajuste a novos parâmetros de ação educativa. A fim de melhorar a qualidade do ensino e para ensinar a turma toda, há de se enfrentar os desafios da inclusão escolar sem fugir das causas do fracasso e da exclusão (...).

Escolas inclusivas em seu planejamento apresentam diferenças gritantes no que tange o ensino aprendizagem. Tudo passa pelo interesse do aluno e a busca incansável do professor juntamente com toda a escola, no sentido de analisar as causas dos fracassos e da exclusão.

A partir daí vale reestruturar o projeto político-pedagógico repensando novas práticas de ensino que abranjam a todos e que venham acrescentar na melhoria do ensino e o sucesso da inclusão.

2.4 Entre o planejamento e a sua implementação na sala e aula

Planejar nem sempre é uma tarefa fácil e ainda mais quando se pensa em um contexto inclusivo, o professor muitas vezes não consegue construir materiais que possam de facto contribuir com o ensino aprendizagem do aluno de inclusão.

Nessa linha, Sampaio e Sampaio (2009) enfatizam que os professores ao perceberem que o conhecimento que possuem, não oferece condições para trabalhar com a diversidade nessa proposta inclusiva, se inquietam. Essa atitude muitas vezes passa a causar uma situação incômoda ao professor, que pode levar a dois caminhos: ou ele começa a questionar suas práticas e repensá-las, ou lamenta-se, fecha os olhos e deixa o tempo correr.

Contudo, após experimentar todo o processo inicial de inclusão, vê nas oportunidades vivenciadas um crescimento profissional e pessoal, servindo de incentivo para reflexão sobre as diferenças e busca de novos conhecimentos. Para que o professor se sinta estimulado para enfrentar a inclusão como um desafio a ser encarado de frente e não deixado de lado, é imprescindível que lhe sejam oferecidas condições viáveis para um trabalho de qualidade, e seu esforço seja reconhecido, para que sua experiência lhe impulse e não lhe frustre. Sobre o tema Torezan (2002, p. 35) afirma que:

(...) só através de oportunidades para reflexão e aprofundamento teórico baseados na problematização de sua prática, poderá ocorrer transformação do trabalho pedagógico, e consequentemente uma ação mais flexível e mais produtiva dos professores diante da realidade da sala de aula.

A importância da reflexão na área da educação inclusiva é primordial, através dela é possível ultrapassar o básico e ir além, adentrando o mundo da troca de experiências e ajustes, numa dinâmica de interação, para na diversidade, encontrar possibilidades e caminhos produtivos que ajudem todos os alunos a aprender (Mantoan, 2015).

Há que se desenvolver ações mais flexíveis que consigam contemplar as limitações de todos os alunos, transformando o trabalho pedagógico em algo prazeroso e promissor, estas têm sua origem na reflexão e aprofundamento teórico (Torezan, 2002).

Um novo modo de analisar a deficiência é aquele cujo foco esteja voltado ao indivíduo e sua dificuldade, e mais ainda, para as dificuldades do ensino aprendizagem,

Diante o exposto, Sampaio e Sampaio (2009, p. 136) apontam que:

(...) privilegia a escuta e a circulação da palavra como forma de lidar com os impasses ocorridos no cotidiano de uma prática educativa que foge aos padrões normais colocando o educador diante do imprevisível, do imponderável, a todo instante.

Quando se fala de uma proposta inclusiva, logo se remete a uma série de dúvidas, incertezas e até sofrimentos dos educadores, que são colocados numa situação vulnerável diante da política da inclusão, sem suporte técnico nem material adequado para desenvolver o seu trabalho.

Sabendo-se ainda que todo o ambiente escolar deve privilegiar aspectos pedagógicos e inclusivos para atender a todos os alunos, observando a diversidade de comportamentos e ritmos de aprendizagem, de modo muito especial os alunos com NEE.

Dialogando com essas características, Mantoan (2015, p. 66) vem traçar o perfil de uma escola de qualidade que para a autora:

Uma escola distingue-se por ensino de qualidade, capaz de formar pessoas nos padrões requeridos por uma sociedade mais evoluída e humanitária quando consegue: aproximar os alunos entre si; tratar as disciplinas como meios para conhecer melhor o mundo e as pessoas que nos rodeiam; e por ter como parceiras as famílias e a comunidade na elaboração e no cumprimento do projeto político-pedagógico. Tem-se ensino de qualidade baseado em condições de trabalho pedagógico que implicam formação de redes de saberes e de relações, que se entrelaçam por caminhos imprevisíveis para chegar ao conhecimento.

Mantoan (2015) pontua que para que a escola consiga desenvolver um trabalho de excelência, faz-se necessário tecer elos fortes estabelecendo parcerias com as famílias e a comunidade, para a construção e implementação do projeto político-pedagógico.

Essas parcerias podem proporcionar à escola, a possibilidade de vislumbrar o objetivo de formar pessoas melhores, unindo os alunos da educação regular com os da inclusão, com o intuito de direcionar os saberes em busca do conhecimento e do encaminhamento para uma visão mais humanizada das pessoas que se encontram nesse universo. Nessa mesma linha Mantoan (2015, p. 66) afirma:

As escolas de qualidade são espaços educativos de construção de personalidades humanas autônomas, críticas, espaços onde crianças e jovens aprendem a ser pessoas. Nesses ambientes educativos, ensinam-se os alunos a valorizar a diferença pela convivência com seus pares, pelo exemplo dos professores, pelo ensino ministrado nas salas de aula, pelo clima sócio afetivo das relações estabelecidas em toda a comunidade escolar- sem tensões, competições, com espírito solidário e participativo.

A autora vai muito além ao reafirmar a relevância do papel da escola na formação da personalidade do alunado, lhes oferecendo um ambiente de convivência, exemplos, afetividade, participação, solidariedade, visão de mundo e ricos conteúdos, o que lhes conferirá competências para respeitarem e valorizarem as diferenças entre si.

Um aspeto de extrema relevância é o papel do professor como mediador de toda esta gama de questões acima pontuadas, daí a importância da sua formação e da sua visão quanto a inclusão (Mantoan, 2015).

PARTE II – ESTUDO EMPÍRICO

CAPÍTULO III: ESTUDO EMPÍRICO

Serão privilegiados neste capítulo, a metodologia em questão, o desenho de investigação e os objetivos geral e específico que foram delineados para esta pesquisa, abrangendo o método investigativo, os participantes e os resultados obtidos.

3.1 Objetivo geral

Investigar se o docente está preparado para compreender o processo de inclusão dos alunos com necessidades especiais no ensino regular, bem como para cuidar de suas especificidades e limitações.

3.1.1. Objetivo Específico

- Identificar as dificuldades encontradas pelos docentes no atendimento as crianças NEE, e as estratégias por eles sugeridas para responder a essas dificuldades.

3.2 Métodos utilizados

Segundo Lakatos e Marconi (2018, p. 310) os métodos investigativos são as etapas mais “concretas da investigação com finalidade mais restrita em termos de explicação geral dos fenômenos e menos abstratos”. Os autores ainda descrevem o procedimento como uma junção da teoria com a prática.

Nessa linha, a metodologia da investigação utilizada foi um estudo de caso, segundo Severino (2016), o caso escolhido pelo investigador deverá ser significativo para a investigação e o seu registro deverá ser minucioso e qualificado. Já para Lakatos e Marconi (2018, p. 305):

O estudo de caso refere-se ao levantamento com mais profundidade de determinado caso ou grupo humano sob todos os seus aspectos. Entretanto, é limitado, pois se restringe ao caso estudado que não pode ser generalizado. Nesse estudo não há aprioristicamente um esquema estrutural, ele reúne grande número de informações detalhadas.

Segundo Lakatos e Marconi (2016, p. 810) o método é considerado um “conjunto das atividades sistemáticas e racionais que, com maior segurança e economia, permite alcançar o objetivo que perpassam pelos conhecimentos válidos e verdadeiros”, com isso, o processo metodológico de uma investigação proporciona traçar caminhos que serão seguidos, auxiliando assim, o investigador.

Para o desenvolvimento desta investigação foi realizada uma busca de dados por meio de um inquérito, através de um guião de perguntas entregues em mãos a 30 docentes no mês de setembro de 2018, onde eles responderam livremente, a recolha foi feita até final de novembro, no entanto somente

3.2.1 Técnicas utilizadas

Após a aprovação do projeto e iniciando a pesquisa, buscou-se em primeiro momento, a autorização da escola para que ocorresse a pesquisa. Após o consentimento da direção, houve a apresentação do projeto para os docentes, bem como os objetivos que versam a investigação.

Após a apresentação, os docentes assinaram o termo de consentimento livre esclarecido (Anexo 2), e receberam um envelope com os questionários que seriam respondidos.

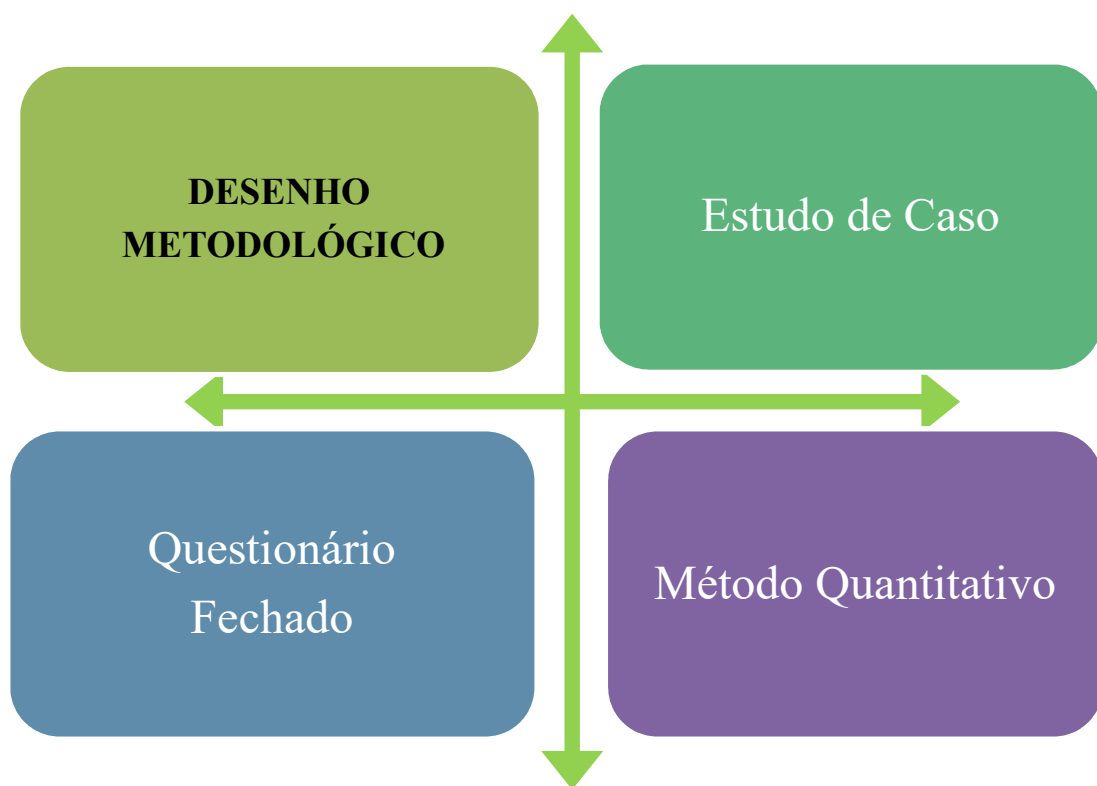
Para a obtenção dos resultados, utilizou-se um guião de perguntas (Anexo 4), com o objetivo de analisar se o docente está preparado para a inclusão do aluno com necessidades especiais na educação regular.

Após recolha dos questionários, esses foram tabulados com a ajuda da ferramenta do Excel e tratados, com o objetivo de serem analisados conforme os objetivos propostos na investigação, como seguirá no próximo capítulo.

3.3 Desenho Metodológico

Segundo Sampieri, Collado e Lúcio (2013) um desenho de pesquisa é caracterizado como um plano de ação e a forma na qual ele será implementado para a coleta das informações na investigação. Os autores ainda complementam que

A pesquisa é um conjunto de processos sistemáticos, críticos e empíricos aplicados no estudo de um fenômeno. E, o enfoque quantitativo que representa um conjunto de processos, é sequencial e comprobatório. Cada etapa precede à seguinte e não podemos “pular ou evitar” passos, a ordem é rigorosa, embora, claro, possamos redefinir alguma fase. (Sampieri *et al.*, 2013, p. 140)



Esse desenho metodológico demonstra que na investigação, o estudo de caso terá como método um questionário com questões fechadas que contemplam o critério quantitativo.

3.4 Contexto Espacial da Escola

Este estudo foi realizado com 20 docentes na E.M.E.B. Professor Pedro Cândido, um estabelecimento de ensino da rede municipal de Lages, Santa Catarina, Brasil.

A escola foi fundada no dia 01 de fevereiro de 1952 e funcionou como Escola Isolada na localidade de Restinga Seca até 1956. A atual escola, de alvenaria, foi construída em 1987 e passou a atender alunos do Pré-Escolar à oitava série, pelo decreto 610/88, do Conselho Estadual de Educação.

Recebeu esse nome em homenagem ao professor e músico da Orquestra Sinfônica de Lages, Pedro Cândido. Sua primeira diretora foi a senhora Leonina Paes Andrade, conhecida por Tia Nina.

Hoje, a EMEB- Escola Municipal de Educação Básica Prof. Pedro Cândido funciona em três períodos, com 365 alunos, distribuídos da Educação Infantil ao Ensino Fundamental, de primeiro ao nono ano. A referida escola se destaca pela sua organização, pela parceria e compromisso dos profissionais engajados no processo e pela colaboração da comunidade escolar, no processo educacional.

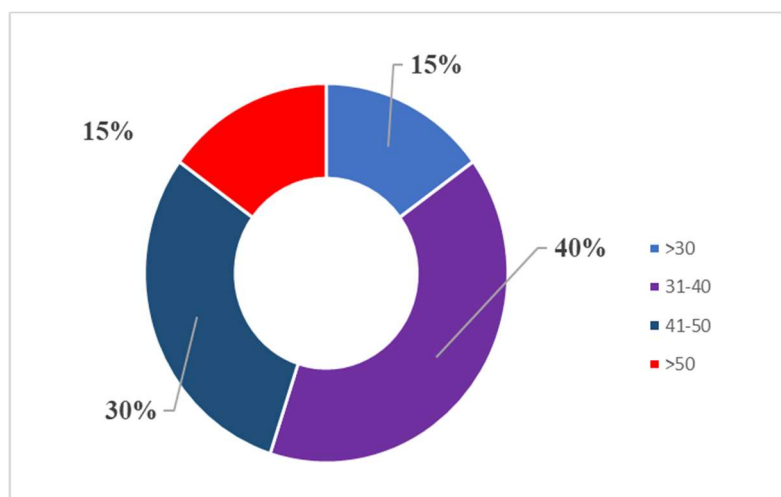
A escola possui, sala de informática, sala da assistência, biblioteca, dois depósitos, banheiros femininos e masculinos para os alunos, banheiro dos professores, sala dos professores, cozinha e seis salas de aulas

Compõem o cenário educacional, cerca de 30 professores, 1 diretora, 2 diretoras Aux, 2 técnicas, 2 cozinheiras e 3 Aux de serviços Gerais. Toda essa estrutura compõem o espaço físico do colégio, sendo ele externo e interno como foram demonstrados pelas figuras (Anexo 6).

3.5 Participantes da pesquisa

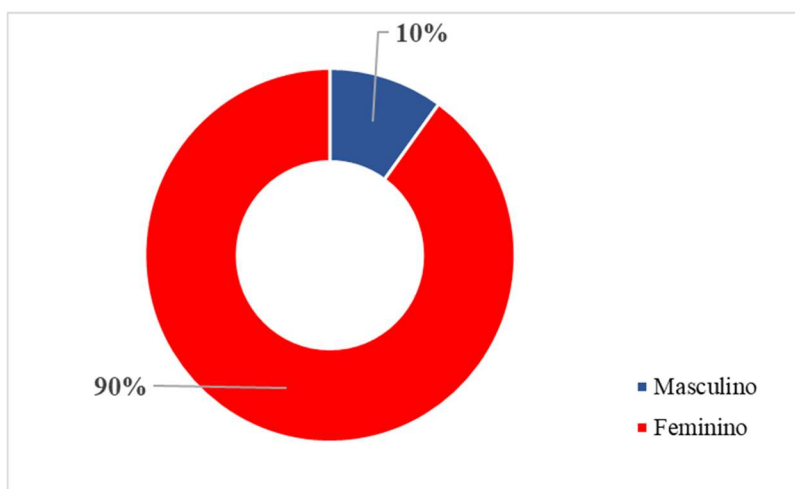
A investigação contou com a participação de 20 docentes do ensino fundamental, sendo que 3 (15%) possuem menos de 30 anos, 8 (40%) se encontram entre 31 a 40 anos, 6 (30%) estão entre 41 a 50 anos e 3 (15%) estão acima de 50 anos, conforme ilustra o gráfico 01:

Gráfico 01: Caracterização por Idade



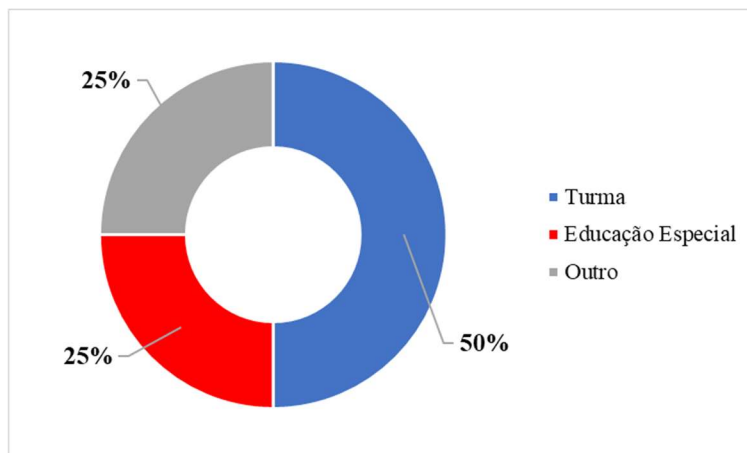
Em relação ao gênero dos participantes, cerca de 2 (10%) são do sexo masculino e 18 (90%) são do sexo feminino.

Gráfico 02: Caracterização por Gênero



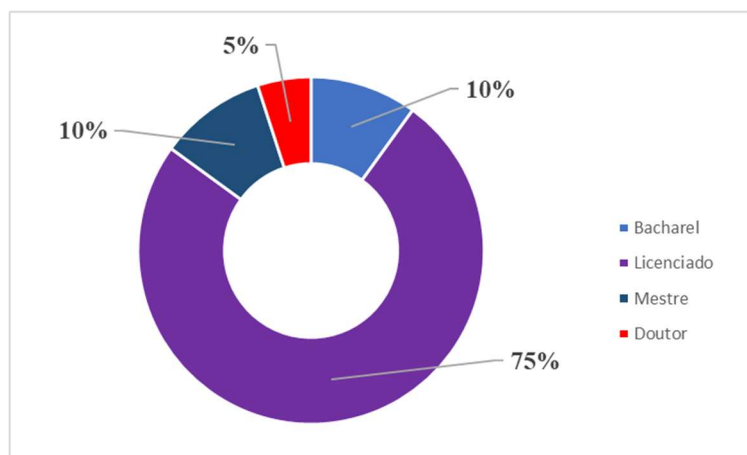
Em relação ao atendimento aos alunos, cerca de 10 (50%) são professores das turmas regulares, 5 (25%) são da educação especial e 5 (25%) são de outros segmentos.

Gráfico 03: Caracterização por Tipo de Professor



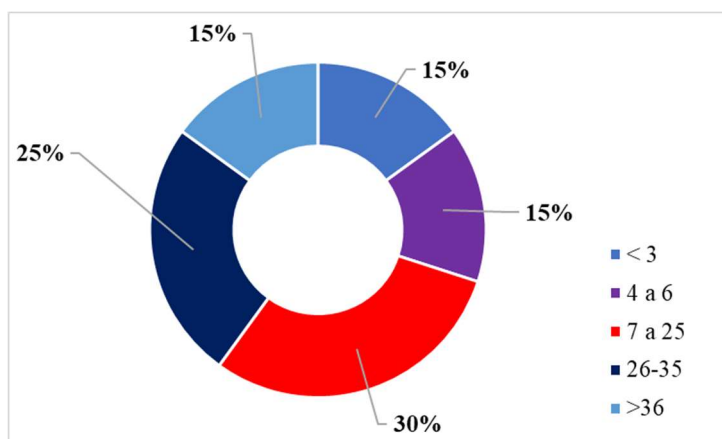
No que diz respeito à formação acadêmica dos educadores, cerca de 02 educadores (10%) são bacharéis, já 15 (75%) são licenciados, 2 (10%) são mestres e 1 (5%) é doutor, conforme ilustra o gráfico 04:

Gráfico 04: Caracterização por Grau Acadêmico



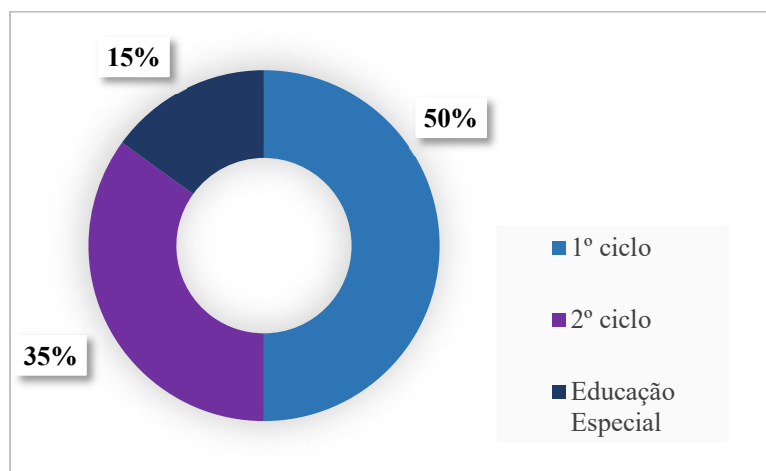
Em relação ao tempo de profissão, cerca de 3 (15%) docentes possuem menos de 3 anos de profissão, já 3 (15%) possuem entre 4 a 6 anos, 6 docentes (25%) tem entre 7 a 25 anos de docência, 30% (5) dos docentes tem entre 26 a 35 anos de profissão e 3 (15%) possuem mais de 35 anos de docência.

Gráfico 05: Caracterização por Tempo de profissão



No que diz respeito ao nível de ensino em que eles lecionam, cerca de 15% (3) estão na educação especial, já 35% (7) dão aula no 2º ciclo e 50% (10) se encontram no 1º ciclo da educação básica.

Gráfico 06: Caracterização por Nível de Ensino



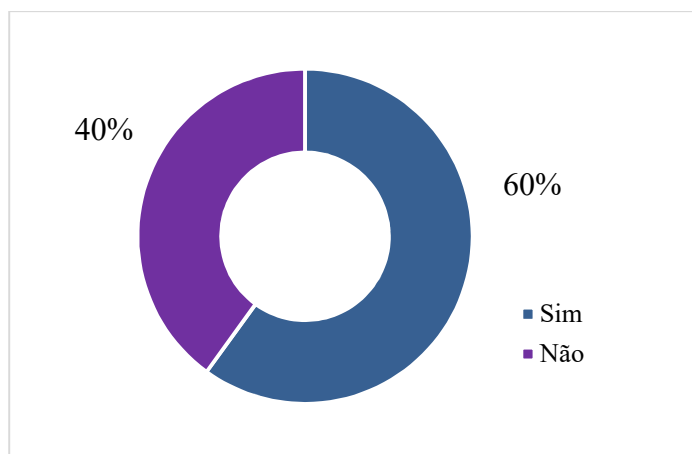
3.6 Resultados alcançados:

Os resultados da investigação são referentes ao questionário que foi entregue aos educadores que atendem alunos com necessidades especiais na educação básica. O questionário foi dividido em 3 partes, sendo a primeira relacionada a formação do professor em relação ao atendimento dos alunos com necessidades especiais, a segunda parte diz respeito a sua interação com os alunos NEE e a última parte do guião de perguntas, se refere a parte didática e de metodologia do ensino, que contempla os instrumentos utilizados, o planeamento, a avaliação e a colaboração em equipa, como verifica-se abaixo:

Parte 1 – Contextualização da formação do educador

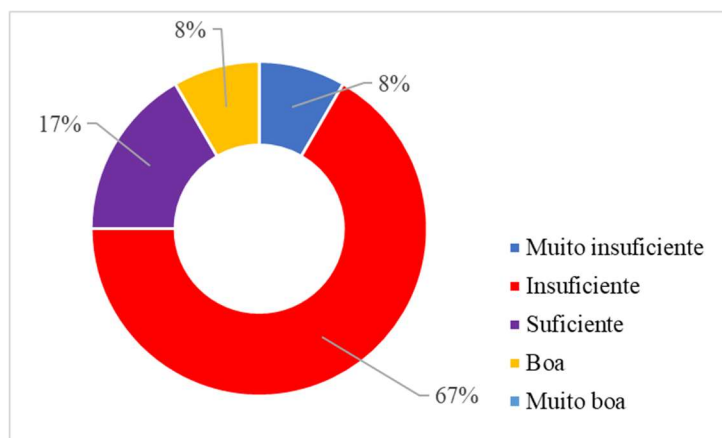
Foi perguntado aos docentes se na formação inicial eles tiveram alguma disciplina que os preparasse para a intervenção com alunos com necessidades educativas especiais.

Gráfico 07: Formação para atender alunos com NEE- Necessidades Educacionais Especiais



Em relação a esse questionamento, cerca de 60% (12) educadores afirmaram que tiveram em sua formação disciplinas que contemplavam a formação para atender alunos com NEE, já 40% (8) disseram não ter tido formação. No que diz respeito aqueles que tiveram a formação para o atendimento aos alunos com necessidades especiais, foi perguntado ainda: Pensando na sua atividade profissional considera a formação que recebeu como:

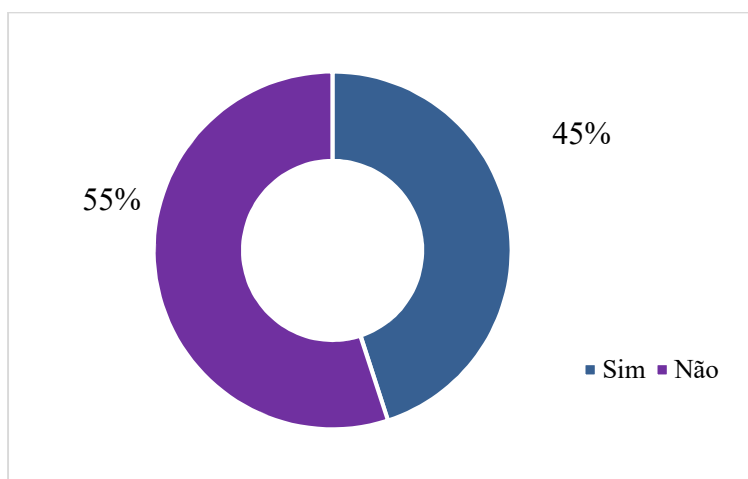
Gráfico 08: Formação que recebeu para atender alunos com NEE- Necessidades Educacionais Especiais



Sobre o tipo de formação que receberam foi perguntado aos participantes a sua percepção sobre o resultado final do curso. Diante este questionamento, 1 participante (8%) diz que a formação que recebeu foi muito boa. Para 1 (8%) a formação foi boa, já os 17% (2) acreditam que ela foi suficiente e 8(40%) demonstraram que a formação foi insuficiente para o atendimento aos alunos com NEE.

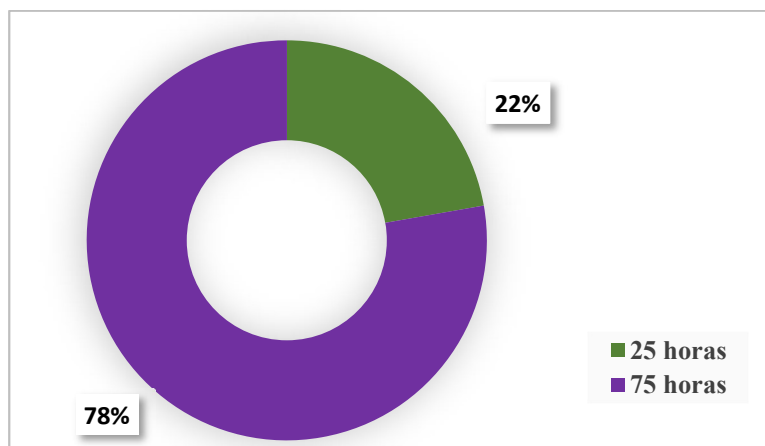
Foi perguntado ainda: Após seu curso de formação inicial frequentou ações de formação contínua, relacionadas com a intervenção com alunos com necessidades educativas especiais? (Considere apenas a formação contínua e não a formação especializada).

Gráfico 09: Formação Contínua dos educadores



Em relação a esse questionamento, cerca de 55% (11) dos participantes relataram que não frequentaram formações para o atendimento a alunos com necessidades especiais. Já 45% (9) frequentaram algum curso. Para aqueles que responderam que frequentam formação continuada, foi sugerido que indicassem o número de horas de cursos.

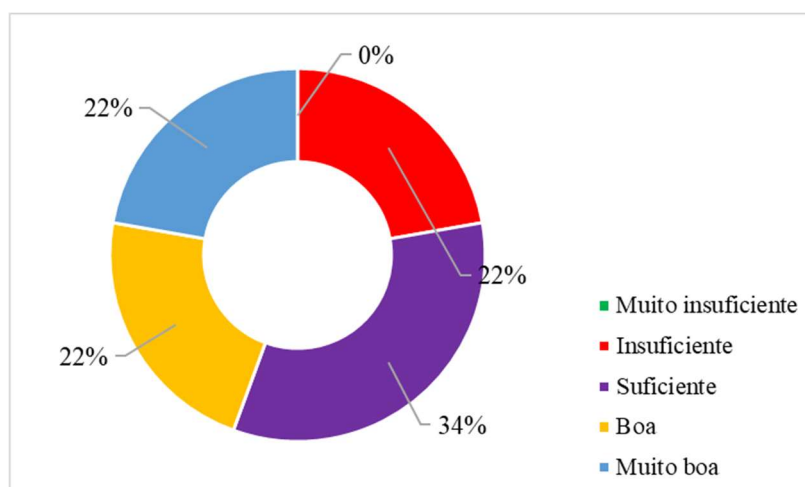
Gráfico 10: Tempo de cursos de formação



A respeito deste questionamento, somente aqueles que responderam sim disseram 78 % (7) dos participantes afirmaram ter participado acima de 75 horas de formação continuada e 22% (2) dos participantes disseram ter até 25 horas de formação continuada.

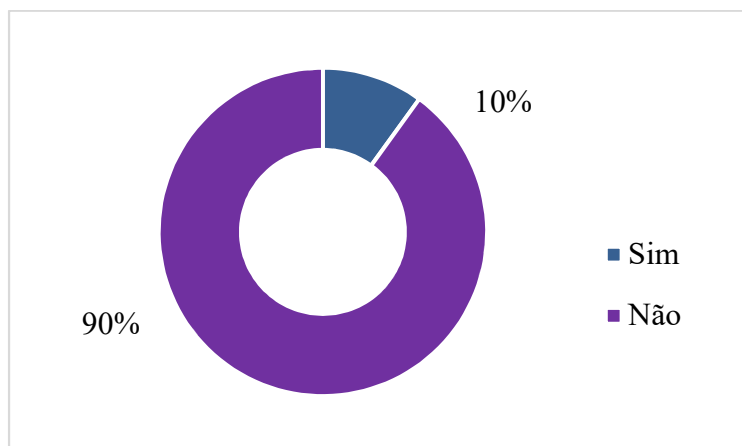
E ainda foi perguntado a esse grupo, se as informações foram suficientes.

Gráfico 11: Qualidade dos cursos de formação



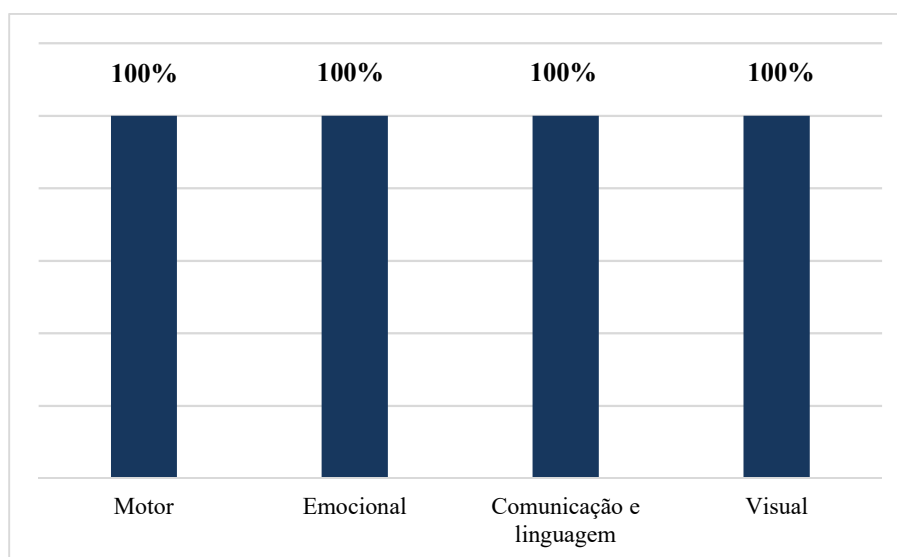
Diante deste questionamento, 22% (2) dos participantes consideram que as informações recebidas nos cursos de formação foram insuficientes, já 22% (2) dos participantes avaliam as informações como boas, e 34% (3) dos participantes dizem que as informações foram suficientes e 22% (2) foram muito boas. Aos educadores também foram perguntados se eles possuíam formação de especialização em educação especial.

Gráfico 12: Especialização em Educação Especial



A partir deste questionamento, 10% (2) dos participantes responderam positivamente quanto a possuírem formação de especialização em Educação Especial, no entanto 90% (18) afirmam não possuir especialização em Educação Especial. Àqueles que afirmaram ter especialização em educação inclusiva, foi perguntado o domínio que eles possuíam:

Gráfico 13: Especialização e domínio



Os dois professores que foram inquiridos sobre a especialização e o domínio que tinham, ambos elencaram o motor, emocional, a comunicação e linguagem e o visual.

Em relação ao contato do docente com os alunos com necessidades especiais, essa parte será descrita na segunda parte do questionário, que propõe discorrer sobre todos os assuntos elencados na convivência.

2ª Parte – A inclusão dos alunos com necessidades especiais

Foi perguntado aos docentes sobre o contato que eles têm com os alunos com NEE, os desafios, a inclusão, o autocontrole dos alunos e o comportamento em sala, como veremos na tabela 1:

Tabela 01 – As aulas com alunos especiais.

Questão	Discordo Totalmente	Discordo Parcialmente	Indiferente	Concordo Parcialmente	Concordo Totalmente
1- O contato com alunos com NEE em aulas do ensino regular, não contribui para que os alunos assumam condutas inadequadas	6 30%	3 15%	1 5%	6 30%	4 20%
2- O aluno com NEE não pode enfrentar os desafios que se colocam na turma com igualdade de condições com o aluno dito “normal”	5 25%	7 35%		5 25%	3 15%
3 – É difícil manter a ordem em uma turma de ensino regular, na qual estão incluídos alunos com NEE	9 45%	6 30%		3 15%	2 20%
4 – Devido a falta de autocontrole dos alunos com NEE, não é benéfico para eles serem incluídos em turmas de ensino regular.	12 60%	3 15%		4 20%	1 5%
5 – Normalmente os alunos com NEE comportam-se adequadamente na turma de ensino regular.	2 10%	5 25%		12 60%	1 5%

Em relação à primeira pergunta: O contato com alunos com NEE em aulas do ensino regular, não contribui para que os alunos assumam condutas inadequadas, percebe-se que cerca de 30% (6) docentes discordam totalmente dessa assertiva, já 3 (15%) discordaram parcialmente, 1 (5%) demonstrou-se indiferente em relação a pergunta, para

6 (30%) dos participantes concordaram parcialmente e 4 (20%) concordaram totalmente em relação a pergunta. Diante das respostas, percebe-se que a maioria consegue perceber que os alunos com necessidades especiais não contribuem com a indisciplina em sala, a postura da turma independe se há ou não alunos de inclusão inseridos no contexto educacional. Nessa linha, Oliva (2016, p. 492) vem postular que

O modelo inclusivo de educação tem por base a concepção de direitos humanos, em que os princípios de igualdade de oportunidade e valorização da diferença são combinados para que todas as crianças, jovens e adultos possam estar incluídos no sistema educacional regular, aprendendo e participando sem qualquer tipo de discriminação.

É esse modelo inclusivo que abarca todo o cenário de direitos humanos que faz com que a inclusão esteja inserida em um sistema regular, como foi apontado por Oliva (2016) não interfere na rotina e nem no andamento educacional de uma turma.

No que diz respeito a segunda pergunta, cerca de 7 (35%) participantes discordaram parcialmente, 5 (25%) discordaram totalmente e os outros 5 (25%) concordaram parcialmente e apenas 3 (15%) concordaram totalmente. Nesse questionamento, a grande maioria dos inquiridos discordaram dessa questão demonstrando que os alunos com necessidades especiais podem enfrentar, com a turma regular, os desafios propostos em sala de aula. E é nessa linha que Mantoan (2015) vem demonstrar que os desafios propostos em sala podem contribuir com um ensino de qualidade que para além da formação conteudista, seja capaz de formar pessoas humanitárias que possam ajudar o meio em que estão inseridos.

Referindo-se a terceira pergunta, 45% (9) dos questionados discordam totalmente, 30% (6) discordam parcialmente, no entanto 15% (3) destes concordam parcialmente, e 20% (4) dos questionados concordam totalmente. A partir das respostas, deduzimos que a maioria dos docentes questionados consideram possível manter a ordem numa classe de ensino regular na qual estão incluídos alunos com NEE.

Em se tratando da quarta pergunta, 60% (12) dos participantes discordam totalmente, para 15% (3) que discordam parcialmente, já 20% (4) concordam parcialmente e somente 5% (1) concordam totalmente. Perante as respostas, percebemos

que a maioria dos docentes questionados, entende que apesar da falta de autocontrolo dos alunos com NEE, é sim benéfico para eles, no âmbito social, emocional e cognitivo, estarem incluídos em turmas de ensino regular.

Tratando-se da quinta pergunta, 10% (2) dos docentes discordam totalmente, já 25% (5) discordam parcialmente, outros 60% (12) concordam parcialmente, e apenas 5% (1) concordam plenamente. A partir destas respostas, percebemos que a posição dos docentes é de que, nem sempre os alunos NEE se comportam adequadamente na turma de ensino regular, e isso varia de acordo com a especificidade da necessidade de cada aluno especial. Nessa linha, que Serrano (2005) vem apresentar uma educação inclusiva que possa acolher os alunos com NEE, para que problemas como esses, que envolvem uma percepção do educador sobre o aluno inclusivo, possa de facto desaparecer no âmbito educacional. Assim esse educador ao invés de somente discorrer sobre os problemas, consiga proporcionar uma educação adequada que venha a atender a totalidade.

Tabela 02 – A inclusão

Questão	Discordo Totalmente	Discordo Parcialment	Indiferente	Concordo Parcialment	Concordo Totalmente
6 – A eficácia pedagógica dos professores, nas turmas com alunos com NEE fica reduzida, visto que tem de atender alunos com diferentes tipos de capacidade.	6 30%	3 15%	1 5%	6 30%	4 20%
7 – Os professores de educação especial deveriam apoiar os seus colegas professores e não diretamente os alunos.	5 25%	4 20%		9 45%	2 10%
8 – Os alunos com NEE não obteriam mais proveito se fossem educados em instituições de ensino especial.	6 30%	6 30%	1 5%	7 35%	
9 – A inclusão dos alunos com NEE no ensino regular obriga a alteração das atividades normais da aula.	8 40%	5 25%		5 25%	2 10%
10 – A educação dos alunos com NEE numa turma de ensino regular atenua as diferenças entre eles e os seus companheiros ditos “normais”.	5 25%	4 20%	1 5%	5 25%	5 25%

Com relação a sexta pergunta, 30% (6) dos professores discordam totalmente, 15% (3) discordam parcialmente, já 5% (1) se posicionam indiferentes, outros 30% (6) concordam parcialmente, e 20% (4) concordam totalmente. Diante das respostas percebemos que a maioria dos professores questionados concordam parcial ou totalmente que a eficiência no pedagógico fica de certa forma prejudicada nas turmas com alunos NEE, tendo em vista ter que atender alunos com diferentes níveis e capacidades requer um tempo muito maior.

Contudo, Mantoan (2015) vem defender que as escolas que buscam a sua qualidade devem oferecer aos alunos espaços educativos que vão para além do contexto pedagógico, na qual uma criança possa aprender também sobre humanidade. E, essa humanidade pode ser ensinada a partir da convivência entre seus pares e sob um clima sócio afetivo e acolhedor, partindo primeiramente, da iniciativa do educador. Assim, com uma formação continuada e um acolhimento, a eficiência pedagógica passará a ter um olhar diferenciado na educação inclusiva.

Tratando-se da sétima pergunta, 25% (5) dos docentes discordam totalmente, 20% (4) discordam parcialmente, já 45% (9) concordam parcialmente e somente 10% (2) concordam plenamente. Diante das respostas elencadas, constatamos que os docentes em sua maioria, entendem que seria muito mais proveitoso se os professores de educação especial ao invés de trabalhar diretamente com os alunos, apoiassem seus colegas professores.

Na abordagem da oitava pergunta, 30% (6) discordam totalmente, 30% (6) discordam parcialmente, 5% (1) declararam-se indiferentes a pergunta e outros 35% (7) concordam parcialmente. Desta forma, percebe-se que a maioria dos docentes questionados entendem que seria mais proveitoso para os alunos NEE se fossem educados em escolas especiais.

Tendo em foco a nona pergunta, 40% (8) discordam totalmente, na sequência 25% (5) discordam parcialmente, por sua vez 25% (5) concordam parcialmente e finalmente 10% (2) concordam plenamente. Percebe-se desta forma, através das respostas que um

número mais elevado de docentes entende que com a inclusão dos alunos NEE nas turmas do ensino regular, as atividades normais das aulas tenham que sofrer muitas alterações.

Diante desse questionamento, Correia (2008, p. 50) vem discorrer que

Em vez de se esperar que o professor possua todo o conhecimento e sabedoria para o atendimento de todos os alunos que tem na sua sala de aula, deve ser disponibilizado um sistema de apoio que o assista e o torne capaz de resolver problemas de forma cooperativa e colaborativa.

É nessa linha que a educação tem que seguir, ou seja, o professor não detém todo o conhecimento e para que possa ser efetivada a inclusão, não basta apenas construir propostas pedagógicas inclusivas, a escola deve proporcionar ao educador, ferramentas que possam contribuir com a sua formação e inclusão em sala de aula.

Em evidência a décima pergunta, 25% (5) discordam totalmente, 20% (4) discordam parcialmente, já 5% (1) consideram-se indiferente a pergunta, 25% (5) concordam parcialmente e outros 25% (5) concordam totalmente. Frente as respostas obtidas conseguimos perceber que uma quantidade acentuada de docentes entende que a convivência diária e harmoniosa dos alunos NEE numa turma do ensino regular irá propiciar união entre eles e os demais companheiros o que será vantajoso para ambos, tanto no emocional como no cognitivo. Diante o exposto, Torezan (2002, p. 35) afirma que:

(...) só através de oportunidades para reflexão e aprofundamento teórico baseados na problematização de sua prática, poderá ocorrer transformação do trabalho pedagógico, e conseqüentemente uma ação mais flexível e mais produtiva dos professores diante da realidade da sala de aula.

Tabela 03 – A formação dos alunos com NEE

Questão	Discordo Totalmente	Discordo Parcialmente	Indiferente	Concordo Parcialmente	Concordo Totalmente
11 – Todos os alunos, quaisquer que sejam as suas necessidades educativas, tem o direito a assistir as aulas na turma de ensino.	0	2 10%		6 30%	12 60%
12 – Os alunos ditos “normais” que interagem com os alunos com NEE tem menos possibilidades de se desenvolverem.	16 80%	4 20%			
13 – A inclusão escolar de alunos com NEE é uma moda, deixará de se praticar quando se provar que não é rentável a longo prazo.	15 75%	3 15%		2 10%	
14 – A presença de um aluno com NEE numa turma de ensino regular não interfere com o progresso de seus colegas	2 10%	4 20%		4 20%	10 50%
15 – A educação dos alunos com NEE em instituições de ensino especial, fará-os adquirir uma visão distorcida da realidade, acentuando a sua deficiência.	8 40%	7 35%		3 15%	2 10%

Tendo em vista a décima primeira pergunta, 10% (2) discordam parcialmente, porém 30% (6) concordam parcialmente e outros 60% (12) concordam plenamente. Em conformidade com as respostas a essa pergunta percebemos que, maioria maciça de docentes entende que todos os alunos, sem qualquer restrição possuem prerrogativa de direito para participar das aulas na turma de ensino regular, independentemente de quais sejam suas dificuldades educacionais. É nessa linha que Mantoan (2015, p.70) segue suas reflexões que discorrem sobre as

(...) experiências de trabalho coletivo, em grupos pequenos, mudam esse cenário educativo, exercitando: a divisão e o compartilhamento com seus pares; o desenvolvimento da cooperação; o sentido e a riqueza da produção em grupo; e o reconhecimento da diversidade dos talentos humanos, bem como a valorização do trabalho de cada pessoa para a consecução de metas que lhes são comuns.

No que diz respeito a décima segunda pergunta, cerca de 80% dos participantes afirmaram discordar totalmente da assertiva que trouxe a impossibilidade de

desenvolvimento dos alunos com necessidades especiais quando se relacionam com os alunos ditos “normais”, e 20% (4) discordaram parcialmente.

Na experiência coletiva que o educador poderá proporcionar ao estudante com necessidades especiais, uma condição mais humana de inclusão em sala de aula. Em consonância com a décima terceira pergunta, 75% (15) discorda totalmente, para 15% (3) que discordam parcialmente, e outros 10% (2) que concordam parcialmente. Uma relevante maioria de docentes demonstram em suas respostas não acreditar que a inclusão dos alunos NEE seja um modismo, e que com o passar do tempo possa ser provado que não é eficiente e positivo, porém há uma minoria que pensa dessa forma.

Na amostragem da décima quarta pergunta, temos 10% (2) dos docentes que discordam totalmente, 20% (4) que discordam parcialmente, 20% (4) que concordam parcialmente e outros 50% (10) que concordam totalmente. As respostas a esta pergunta nos mostram que a grande maioria dos docentes é veemente em afirmar que a presença dos alunos NEE nas salas de ensino regular, não interferem no andamento e aprendizado da turma, há, no entanto, um percentual de docentes que discordam, tendo em vista a diversidade dos alunos que recebem e a intensidade do problema que cada um apresenta.

A respeito da décima quinta pergunta, 40% (8) dos professores discordam totalmente, os 35% (7) discordam parcialmente, no entanto 15% (3) concordam parcialmente, e uns 20% (4) concordam totalmente. Tendo em vista as respostas a esta pergunta constata-se que a grande maioria dos docentes discordam total ou parcialmente da ideia de que os alunos com NEE que frequentam instituições de ensino especial, possam retroceder e que sua deficiência venha a se agravar. Mantoan (2015, p.76) nos assevera que

(...) escolas inclusivas envolvem uma reorganização completa dos processos de ensino e uma concepção diferente de aprendizagem escolar; ensinam o que suas turmas decidem em conjunto com o professor que vão estudar com base nos seus currículos. (...) A possibilidade de ensinar sem discriminações, sem métodos e práticas de ensino especializados/adaptados deriva de uma reestruturação do projeto pedagógico da escola e das reformulações que este projeto propõe, de modo que a instituição se ajuste a novos parâmetros de ação educativa. A fim de melhorar a

qualidade do ensino e para ensinar a turma toda, há de se enfrentar os desafios da inclusão escolar sem fugir das causas do fracasso e da exclusão (...).

Essa linha que a autora discorre é que faz necessário apontar no contexto educacional. Uma deficiência não agrava o cenário educacional, pelo contrário. O ensino sem discriminação pode contribuir e muito com novos olhares acerca de um conteúdo a ensinar, além de proporcionar uma interação maior entre aqueles que possuem mais ou menos dificuldades em certos conteúdos. E é com um Projeto Político Pedagógico (PPP) bem estruturado que faz com que o ensino se torne de qualidade e que a inclusão deixe de ser um desafio aos educadores envolvidos.

Tabela 04 – A formação dos alunos

Questão	Discordo Totalmente	Discordo Parcialmente	Indiferente	Concordo Parcialmente	Concordo Totalmente
16 – Os alunos com NEE tem ciclos de atenção mais curtos que os outros, pelo que não podem beneficiar das atividades desenvolvidas em turmas de ensino regular.	6 30%	8 40%		6 30%	
17 – A atenção que requerem os alunos com NEE não prejudica o sucesso dos outros alunos da turma.	1 5%	5 25%		7 35%	7 35%
18 – Os que estão a favor da inclusão dos alunos com NEE no ensino regular, na realidade, estão pouco interessados em melhorar a qualidade do ensino.	13 65%	1 5%		5 25%	1 5%
19 – Se a comunidade educativa fossem responsabilizadas pela concepção/execução dos programas educativos para crianças com NEE, estas não apresentariam tantas dificuldades de integração e aprendizagem.	1 5%	5 25%		12 60%	2 10%
20 – A presença de alunos com NEE numa turma de ensino regular, proporciona novas situações de aprendizagem para outros alunos.				6 30%	14 70%

Em conformidade com a décima sexta pergunta 30% (6) discordam totalmente e 40% (8) discordam parcialmente, no entanto outros 30% (6) concordam parcialmente. As respostas que obtivemos para esta pergunta nos levaram a perceber que a maioria dos docentes inquiridos não concordam que os alunos NEE não possam participar e se

beneficiar das atividades que são desenvolvidas na sala de ensino regular, em consequência do seu tempo de atenção ser mais restrito, obviamente que eles irão assimilar no seu tempo e dentro das suas condições individuais.

Com relação a abordagem da décima sétima pergunta, apenas 1 (5%) discordam totalmente e 5 (25%) discordam parcialmente, já 7 (35%) concordam parcialmente e outros 7 (35%) concordam totalmente. A partir das respostas veiculadas, percebe-se que o maior número dos docentes questionados, entendem que, mesmo sabendo que os alunos NEE precisam de mais atenção é possível conduzir os demais alunos da turma com sucesso, inclusive contar com sua preciosa ajuda para a socialização dos NEE.

Tendo em vista a décima oitava pergunta, observa-se que, 13 (65%) docentes discordam totalmente, já 1 (5%) discordam parcialmente, e 5 (25%) concordam parcialmente, mas somente 1 (5%) concordam totalmente. Perante as respostas recebidas, constata-se que a maioria dos docentes inquiridos entende que não é verdade que os que apoiam a inclusão de alunos NEE, não estão interessados na qualidade do ensino, muito pelo contrário, eles almejam que todos os alunos indistintamente consigam conquistar o aprendizado e o sucesso na vida. Contudo, Crochick (2002) vem demonstrar em sua obra a importância de buscar apresentar uma educação de qualidade que venha auxiliar a todos os alunos através do aprendizado compartilhado, na qual os que não sabem possam aprender com o professor de forma que venham superar os seus limites de entendimento, para então aplicarem no seu cotidiano.

No que diz respeito a décima nona pergunta, percebemos que 1 (5%) dos professores discordam totalmente, 5 (25%) discordam parcialmente, no entanto 12 (60%) concordam parcialmente e somente 2 (10%) concordam totalmente. Notadamente, a grande maioria dos docentes expressaram-se positivamente acerca da importância que há em se responsabilizar o corpo administrativo e docente da escola, a construir e executar o programa educacional para as crianças com NEE, a partir daí, a integração e a aprendizagem seriam facilitadas em grande escala. Assim, Rodrigues (2008, p. 7) refere que

(...) é necessário um novo olhar sobre os saberes, as competências e as atitudes que são necessárias para se trabalhar com classes inclusivas. Realça-se, ainda, a importância das estratégias de formação como inseparáveis do processo de formação: a inovação e a valorização da diferença são partes essenciais da formação de professores.

Nesse novo olhar é que se faz presente no sucesso do aprendizado do aluno, principalmente aquele com necessidades especiais. Em observância a vigésima pergunta notamos que, 6 (30%) dos docentes concordam parcialmente e os outros 14 (70%) concordam totalmente. A partir das respostas dos docentes atribuídas a essa pergunta, concluímos que, eles entendem com toda clareza que a inclusão dos alunos com NEE nas turmas de ensino regular contribui generosamente para a efetivação de novas situações de aprendizagem.

Tabela 05 – Aprendizagem dos alunos com NEE

Questão	Discordo Totalmente	Discordo Parcialment	Indiferente	Concordo Parcialment	Concordo Totalmente
21 – Atender alunos com NEE em turmas de ensino regular não é benéfico nem para os alunos NEE’s nem para o aluno dito “normal”				6 30%	14 70%
22 – Incluir na turma regular alunos com NEE ocasiona mais benefícios que problemas.	1 5%	1 5%		7 35%	11 55%
23 – As aprendizagens acadêmicas dos alunos com NEE fazem-se mais lentamente devido as dificuldades que enfrentam numa turma de ensino regular.	3 15%	3 15%	1 5%	9 45%	4 20%
24 – Sem uma formação especializada, dificilmente o professor do ensino regular poderá dar uma resposta adequada aos alunos com NEE	1 5%	2 10%		10 50%	7 35%
25 – Sem os recursos didáticos necessários, a ajuda do professor de apoio é quase inútil.	3 15%	7 35%		5 25%	5 25%
26- Nas classes regulares os alunos com NEE podem acelerar o seu ritmo de aprendizagem, pois tomam como estímulo o modelo dos alunos ditos “normais”.	4 20%	1 5%		11 55%	4 20%
27 – A heteroneidade das turmas não é um fator de insucesso escolar	2 10%			8 40%	10 50%

Em decorrência das respostas a vigésima primeira pergunta, pressupõe-se que, 30% (6) profissionais concordam parcialmente, no entanto 70% (14) concordam totalmente, que não é positivo nem para os alunos NEE nem para os demais alunos, que os alunos NEE sejam incluídos nas turmas de ensino regular, portanto, maioria esmagadora revela pensar dessa forma.

A princípio a vigésima segunda pergunta nos mostra que, 1 (5%) dos professores discordam totalmente, e 1 (5%) discordam parcialmente, no entanto 7 (35%) concordam parcialmente, já 11 (55%) concordam totalmente. Conforme as respostas obtidas, a maioria dos professores pensa que é altamente benéfica a inclusão dos alunos NEE nas turmas de ensino regular, trazendo muito mais pontos positivos que negativos.

Em consonância com a vigésima terceira pergunta, 15% (3) dos docentes discordam totalmente, 15% (3) discordam parcialmente, já 5% (1) mostram-se indiferentes a pergunta, no entanto, 45% (9) concordam parcialmente e 20% (4) concordam totalmente. As respostas dos docentes nos levam a perceber que a maioria deles acredita que os alunos NEE enfrentam muitas dificuldades numa turma de ensino regular, por isso, sua aprendizagem se torna mais morosa e se processa mais lentamente.

Valendo-se da vigésima quarta pergunta notamos que, 1 (5%) dos profissionais discordam totalmente, 2 (10%) discordam parcialmente, no entanto 10 (50%) concordam parcialmente e 7 (35%) concordam totalmente. Com estas respostas, os docentes demonstram em sua maioria, que é de vital importância a formação especializada ao professor do ensino regular, para que ele possa desenvolver um trabalho de qualidade com os alunos NEE e conseqüentemente, com todos. Stainback e Stainback (1999) defende muito essa formação. Para os autores, ela é de extrema importância para o sucesso dos alunos e ainda salienta, três componentes práticos que se encontram interdependentes na inclusão:

O primeiro deles é a rede de apoio, o componente organizacional, que envolve a coordenação de equipes e de indivíduos que apoiam uns aos outros através de conexões formais e informais [...]: grupos de serviço baseado na escola, grupos de serviço baseado no distrito e parcerias com as agências comunitárias. O segundo componente é a consulta cooperativa e o trabalho com equipe, o componente de procedimento, que envolve indivíduos de várias especialidades trabalhando

juntos para planejar e implementar programas para diferentes alunos em ambientes integrados. O terceiro é a aprendizagem cooperativa, o componente do ensino, que está relacionado à criação de uma atmosfera de aprendizagem em sala de aula em que alunos com vários interesses e habilidades podem atingir seu potencial. (Stainback e Steinback 1999, pp. 21/22)

O apoio e a cooperação de todos são fundamentais para que haja de facto, o sucesso no processo inclusivo na Educação Básica.

Em conformidade com a vigésima quinta pergunta, podemos perceber que, 15% (3) dos docentes discordam totalmente, 35% (7) discordam parcialmente, mas 25% (5) concordam parcialmente e outros 25% (5) concordam totalmente. No caso destas respostas, percebe-se que metade dos profissionais discordam e outra metade concordam que a atuação do professor de apoio ficará muita prejudicada se não dispuser dos recursos didáticos necessários.

Perante a vigésima sexta pergunta, observamos que, 4 (20%) dos docentes discordam totalmente, e 1 (5%) discorda parcialmente, entretanto 11 (55%) concordam parcialmente, e 4 (20%) concordam totalmente. Nestas respostas, a grande maioria mostrou concordar que os alunos NEE que frequentam as classes regulares acabam sendo estimulados, vindo nos alunos ditos normais, um modelo, com isso, seu ritmo de aprendizagem poderá ser acelerado. E é essa aceleração na aprendizagem que Vittaliano (2002, p. 290) assevera, ao discorrer sobre como:

(...) prover conhecimentos que venham a suprir as necessidades objetivas e subjetivas do professor. Os professores precisam ser formados com conhecimentos que os habilitem a lidar com as necessidades especiais de seus alunos, assim como a lidar com os sentimentos, crenças e expectativas que esses alunos despertam neles. Além disso, devem também aprender a lidar com os sentimentos e reações negativas que seus alunos “normais” podem apresentar perante os especiais e aprender a conciliar as relações entre eles, para que desenvolvam aprendizagens sociais e acadêmicas.

Frente a vigésima sétima pergunta, vê-se que 10% (2) dos profissionais discordam totalmente, já 40% (8) concordam parcialmente e outros 50% (10) concordam totalmente. Neste caso, as respostas apontam que a maioria dos profissionais não atribuem o insucesso escolar a heterogeneidade das turmas.

3ª Parte – A didática de ensino

Tabela 06 – Pedagógica

	Classifique por ordem de prioridade Sendo (1 a menos importante e 7 a mais importante).						
	1()	2 ()	3 ()	4()	5()	6()	7()
Atitudes dos professores	1 5%		2 10%	5 15%	1 5%	4 20%	7 35%
Avaliação / Acompanhamento		2 10%		1 5%	3 15%	3 15%	8 40%
Metodologia de Ensino	1 5%		5 25%	3 15%	3 15%	1 5%	6
Formação específica para trabalhar com alunos NEE	1 5%		1 5%	3 15%	2 10%	5 25%	8 40%
Materiais e recursos	2 10%	1 5%	4 20%	1 5%	4 20%	2 10%	5 25%
Colaboração entre professores	5 25%	3 15%	2 10%	2 10%		2 10%	5 25%
Técnicos especializados (professores, psicólogos, terapeutas)	1 5%	6 30%			3 15%	1 5%	8 40%

Para que a educação inclusiva funcione e para que ela tenha sucesso, há que se ter uma didática de ensino onde precisam ser elencados alguns elementos metodológicos que compõem sua estruturação.

De acordo com a tabela pedagógica (Tabela 06), pode-se entender a visão dos docentes questionados sobre vários aspetos. Com relação as **atitudes dos professores**, vimos que 7 consideram esse item de suma importância, 4 consideram importante e 5 consideram mediano, os demais não vêm significado.

Quanto a **avaliação e acompanhamento**, 8 profissionais entendem que esse item é altamente relevante, 3 consideram muito importante, outros 3 acham importante, enquanto 1 acha mediano.

Referindo-se a **metodologia de ensino**, vemos que 6 pensam que esse item é essencial, 1 acha que é muito importante, 3 acham importante e outros 3 acham mediano.

Em se tratando da **formação específica para trabalhar com alunos NEE**, 8 docentes entendem esse item como importantíssimo, 5 avaliam como muito importante, 2 como importante e 3 como mediano.

Falando-se de **materiais e recursos**, para esse item, 5 profissionais declararam de grande importância, 2 muito importante, 4 acham importante e 1 pensa ser mediano.

Sobre o item **colaboração entre professores**, 5 docentes acham extremamente relevante, em contrapartida, outros 5 não vêm nenhuma relevância, 2 acham muito importante e 2 acham mediano.

Tomando-se o item, **técnicos especializados (professores, psicólogos, terapeutas)**, vemos que 8 profissionais consideram de suma importância este item, já 6 acham pouco relevante, 1 acha muito importante e 3 acham importante.

Todos os itens listados que compõem o aspeto pedagógico para a inclusão que são defendidos por Garnica *et al* (2016, p. 60) em que demonstra

O trabalho com a diversidade demanda dos professores o desenvolvimento de habilidades interpessoais que, entre outros aspectos, permitem a intensificação das trocas sociais e o aprimoramento da qualidade das relações afetivas estabelecidas no contexto escolar. Através da mediação docente é possível preparar os alunos para o respeito e a convivência com as diferenças, por meio de práticas colaborativas que desconstruam preconceitos e assegurem igualdade de direitos de todos. Entretanto devido à uma formação fragmentada, descolada da realidade escolar e excessivamente teórica, muitos profissionais, ao se depararem com as demandas do cotidiano escolar especialmente ao que se refere ao saber-fazer, aos métodos de ensino e ao manuseio dos recursos pedagógicos - sentem-se despreparados para a tarefa de educar a todos, principalmente quando se trata dos alunos público- alvo da educação especial.

Os autores, ao ilustrarem a demanda e o envolvimento dos profissionais da educação, vem apresentar o valor das trocas, experiências e acolhimento que os educadores podem vivenciar, contribuindo assim, com o respeito e a convivência entre os

alunos. Mantoan (2015) vai além ao relatar o medo que os professores sofrem em incluir. Para ela, há primeiramente uma arquitetura educacional, na qual as trocas e vivências de experiências podem contribuir com uma igualdade do alunado que tanto os educadores buscam. Foi perguntado aos inquiridos sobre as condições que estavam para além das listadas anteriormente e obteve-se o seguinte resultado:

Tabela 07- Se considera que existe outra condição além das anteriores, indique qual:

P1	Nada a declarar
P2	Todas acima têm o mesmo grau de importância, nenhuma é mais relevante que a outra. Essas condições citadas são as mesmas que eu colocaria de grande importância.
P3	Parcerias com saúde e assistência social.
P4	Participação com colaboração da família.
P5	Não respondeu.
P6	Não respondeu.
P7	A participação efetiva e o comprometimento dos pais, tanto em saber qual a síndrome de seus filhos, quanto a cobrança nos estudos, nas tarefas, bem como na administração dos medicamentos indicados pelos médicos.
P8	Acessibilidade.
P9	Compartilhamento das informações entre os envolvidos.
P10	Participação efetiva da família.
P11	Não respondeu.
P12	Acredito que infelizmente ainda exista o preconceito, não por parte dos alunos, mas dos pais. Eu diria, uma preocupação sem motivos. Partindo desse pressuposto acho que deveria haver mais projetos com o intuito de conscientizar, eu mesma cresci onde as crianças e adultos tinham medo de pessoas com NEE.
P13	O professor de apoio tem que trazer mais atividades para o aluno e fazer com que ele desperte interesse pela matéria.
P14	Eu considero que a escola regular ainda não tem preparo para atender diretamente o aluno com necessidades especiais, precisamos ainda de preparação para trabalhar com a inclusão, sem isso passamos essa insegurança para toda a turma.
P15	Relacionamento família e escola.
P16	Não respondeu.
P17	Não respondeu.
P18	Não respondeu.
P19	Participação e interação da família.
P20	Não respondeu.

A maioria dos participantes listaram a participação efetiva dos familiares na educação, como prioridade na formação acadêmica dos alunos, seguidos dos projetos que possam

contribuir com a formação do professor. Já a saúde e a assistência social foram os últimos itens escolhidos pelos profissionais. Em relação as dificuldades que os docentes sentem em relação a inclusão no ensino regular, percebe-se que:

Tabela 08 – Quais são as dificuldades que sente mais frequentemente no exercício da sua atividade docente, para a inclusão dos alunos com Necessidades Educacionais Especiais no ensino regular?

P1	As dificuldades, são algumas adaptações como, rampas e barras nos banheiros para os cadeirantes.
P2	Recursos e materiais, e uma formação específica para trabalhar com a necessidade daquele aluno com NEE.
P3	O envolvimento familiar. A falta de conhecimento dos profissionais. Falta de recursos materiais (jogos, livros, tabletes, notebooks, softwares)
P4	Para cada caso de necessidades especiais existe um problema, mas via de regra é a falta de formação e a necessidade de dividir a atenção com toda a turma são os maiores problemas.
P5	Primeiramente teria que ter um professor formado em educação especial.
P6	Mais cursos de formação para professores com profissionais na área.
P7	A maior dificuldade é que não temos acompanhamento dos profissionais conhecedores das crianças, bem como nas condutas e atitudes adequadas.
P8	Melhor preparo para trabalhar com o aluno com NEE naquele determinado ano que o recebe.
P9	A falta de comunicação entre os envolvidos, e falta de interesse no processo.
P10	Considero que tanto o professor regente quanto o professor de educação especial não têm o preparo suficiente para trabalhar com o aluno NEE.
P11	O planejamento voltado para atividades em que todos os alunos possam participar da forma mais homogênea possível.
P12	Sem o auxílio de um professor de apoio, (...), ou também a maneira correta de conciliar as atenções entre a turma e o aluno especial.
P13	O professor de apoio tem que trazer tudo esquematizado de que forma ele vai trabalhar com o aluno em determinada matéria (um plano de aula).
P14	Um dos primeiros passos seria a formação adequada de todos os professores, tanto o da turma quanto o da inclusão, e conteúdos que sejam possíveis de se desenvolver para todos os alunos.
P15	Há muita demora para a liberação de diagnósticos e laudos médicos dos alunos com NEE, (...).
P16	Faltam condições estruturais, equipamentos e materiais pedagógicos e apoio de profissionais especializados.
P17	A adaptação da disciplina para o aluno com NEE (dependendo da sua deficiência).
P18	Falta de recursos.
P19	Sentir-se sozinho para assumir tamanha reponsabilidade.
P20	Como trabalhar com alunos com NEE> metodologia (...) dos profissionais e técnicos especializados.

A maioria dos educadores sente que a ausência de uma formação em inclusão dificulta o atendimento e a inclusão dos alunos com NEE. Já a falta de materiais específicos para trabalhar com a inclusão é outro assunto debatido por eles. Já alguns professores, demonstraram que falta interesse dos profissionais da educação em incluir, e em alguns casos, a estrutura física de acessibilidade, bem como o apoio pedagógico e o planeamento escolar estão entre os problemas que eles têm enfrentados. Foi perguntado aos participantes sobre os conteúdos que eles acreditam que deveriam constar nos cursos de formação para a inclusão, eles responderam:

Tabela 09 – Na sua opinião quais os conteúdos / disciplinas que deveriam constar nos planos de estudo das escolas de formação de professores, para que estes pudessem atender de forma eficaz todos os alunos?

P1	Todos os professores, independente de quais disciplinas, deveriam ter estudos de formação, de como agir com os alunos com deficiência.
P2	Um trabalho mais concreto (lúdico) para abranger não só os alunos com necessidades especiais, mas todos.
P3	Neuro-psicopedagogia. Inteligência emocional. Feedback na aprendizagem. Farmacologia.
P4	O estudo específico dos problemas possíveis em sala de aula.
P5	Formação permanente em Educação Especial, em todas as disciplinas.
P6	Busca de atividades e adaptações junto ao ensino regular.
P7	Essa pergunta é aleatória, sendo que cada caso é um caso e temos diferentes alunos para ensinar, temos que estudar, pesquisar e fazer um trabalho que ao nosso ver satisfaça e condiga com os problemas que são apresentados pelos alunos (...).
P8	Sobre as síndromes. Espectro autista.
P9	Humildade, solidariedade, respeito, amor ao próximo, cultura da paz, respeito a todos os seres, transcendência.
P10	Acredito que os conteúdos/disciplinas são vistos de forma bem superficial, sendo que, para a eficácia do ensino se faria necessário um estudo mais aprofundado em determinados temas.
P11	Não respondeu.
P12	Creio que conhecer as síndromes e / ou problema que cada aluno especial da escola possui, entender qual o conhecimento que a própria família tem acerca do problema, como lidam com isso, que acessibilidade a escola oferece, palestras com terapeutas ocupacionais, entre outros.
P13	Pelo que eu observo os professores de apoio na maioria das vezes estão em sala de aula somente como acompanhante, e não despertam o aluno para se interessar pelas aulas, não têm esse olhar como educadores.

DIFICULDADES DO DOCENTE DO 1º CICLO DO ENSINO FUNDAMENTAL, NUMA ESCOLA INCLUSIVA.

P14	Uma forma de favorecer a construção da autonomia intelectual de cada aluno, que venha atender as diversidades na sala de aula, favorecera a interação e cooperação entre todos. Também deveriam ser criadas situações que aproximasse o máximo possível, “escola” e “social”, das práticas e conhecimentos, e que isso se converta em conteúdos na escola.
P15	Tratando sobre transtornos específicos e as formas de ensino nesta área.
P16	São inúmeras as possibilidades e necessidades do aluno que contemple seu aprendizado.
P17	Conteúdos voltados para a educação especial.
P18	Educação especial avançada, um estudo mais aprofundado de cada síndrome e necessidades especiais dos alunos.
P19	A educação e suas diversidades com relação aos alunos.
P20	Estudo das síndromes. Temas relacionados ao trabalho com alunos com NEE para discussões e orientações.

Em relação a esse questionamento, percebe-se que um dos maiores questionamentos dos participantes é o conhecimento das deficiências, sejam elas motoras ou cognitivas, com isso, eles solicitaram em grande maioria, que pudessem ter disciplinas que contemplassem o conhecimento das deficiências e como trabalhar didaticamente com o aluno de inclusão. Além dessas demandas, houve também solicitação de disciplinas que utilizassem o lúdico em sala de aula, o planejamento de conteúdos e neuropsicopedagogia do ensino.

A última questão encontra-se como um espaço de contribuição de formação, nela foi solicitado que os participantes deixassem comentários e observações que pudessem contribuir com a investigação.

Tabela 10 – Este espaço destina-se a comentários / observações que deseja fazer e considere importante sobre o tema focado e que não estejam contemplados neste questionário.

P1	Todas as perguntas que estão aqui estão de forma correta, nada a declarar.
P2	Precisamos de pessoas especializadas para dar a formação para os professores. Como um professor vai desenvolver um bom trabalho, se nem mesmo quem realiza as formações entende do assunto? Poucos professores se interessam pelo assunto, principalmente no ensino médio, entram dão sua aula, e aquele aluno fica esquecido, muitas vezes por falta de formação.
P3	Quando se fala em inclusão não basta apenas que os alunos especiais estejam em sala e sim que de facto a inclusão seja feita.
P4	Este questionário inclui dados importantes sobre a educação especial. Faz-se lembrar que educação especial é todos os dias, um trabalho feito com dedicação e amor.
P5	Todas as perguntas que estão aqui estão de forma correta, nada a declarar.
P6	O importante para nossos alunos é que se sintam integrados na turma na qual está inserido, desenvolvendo conforme seu tempo...buscando a socialização e integração com todos no ensino regular.
P7	Devia-se fazer uma emenda na lei que viesse a responsabilizar e comprometer os pais no que diz respeito ao compromisso que eles deveriam ter para o sucesso e aprendizagem de seus filhos, como foi o caso da “palmada” que foi proibida e virou no que vemos hoje.
P8	Não respondeu.
P9	Já tive diversos alunos incluídos em sala mas não no saber. Falta a construção do PPP inclusivo, discutido e comprometido.
P10	A inclusão dos alunos NEE é uma realidade presente no cotidiano escolar. Percebemos que deixar de entender estes alunos, seria um lamentável retrocesso na educação, porém sabemos que a forma como esse atendimento acontece está longe de ser ideal. Vários elementos foram elencados neste questionário, considero que todos são de suma importância. Existe um fator que considero muito importante e que gostaria de salientar aqui neste espaço: A comunicação direta entre o professor e os outros profissionais envolvidos no processo ensino aprendizagem dos alunos NEE (psicólogos, médicos, fisioterapeutas, etc...) Esta comunicação acontece intermediada por um terceiro profissional, deixando assim uma lacuna no processo. Considero que tal lacuna contribui para que os resultados não sejam de total qualidade.
P11	Não respondeu
P12	Gostaria que em alguma reunião ou parada pedagógica, tivéssemos alguém que conheça das síndromes e deficiências dos alunos da escola em questão, visando formar e informar todos os envolvidos com o aluno, para que além de informações, pudéssemos aprender a melhor maneira de tirar proveito das habilidades que certamente esse aluno é capaz de desenvolver.

DIFICULDADES DO DOCENTE DO 1º CICLO DO ENSINO FUNDAMENTAL, NUMA ESCOLA INCLUSIVA.

P13	Não respondeu.
P14	Não respondeu.
P15	Não respondeu.
P16	Não respondeu.
P17	Não respondeu.
P18	Não respondeu.
P19	Acredito que precisamos melhorar muito no que diz respeito ao ensino aprendizagem, principalmente com a inclusão dos alunos portadores de necessidades educacionais especiais, porque não estamos preparados para tal.
P20	Trabalhar com alunos com NEE é um grande desafio. Cabe a nós professores buscarmos a melhor forma de incluí-los na turma, buscando estudar sempre.

Diante da análise feita nas respostas, essas contemplaram a necessidade de haver uma pessoa especializada para dar suporte aos educadores, bem como um cuidado maior para contemplar um planejamento que verse sobre a formação adequada dos alunos de inclusão, mesmo sabendo que incluir em uma sala regular é um desafio.

4. CONCLUSÃO GERAL

As dificuldades dos docentes do ensino fundamental regular em lecionar para alunos com necessidades especiais, fez com que alguns questionamentos surgissem ao longo da investigação, tais como: *Qual a realidade com a qual se depara o docente frente a inclusão? De que maneira ele auxilia as crianças com NEE no desenvolvimento de suas habilidades de aprendizagens?*

Diante de tais questionamentos, a investigação buscou responder ao objetivo geral: Investigar se o docente está preparado para compreender o processo de inclusão dos alunos com necessidades especiais no ensino regular, bem como para cuidar das suas especificidades e limitações. E como objetivo específico: Identificar as dificuldades encontradas pelos docentes no atendimento as crianças com NEE e as estratégias por eles sugeridas para responder a essas dificuldades.

Para responder ao objetivo específico, foi possível perceber que os professores ainda necessitam de formação específica para o atendimento aos alunos com necessidades especiais. Muitas dúvidas ainda permeiam o campo da inclusão, para eles os alunos com necessidades educacionais especiais ainda não conseguem enfrentar determinados desafios. Em contrapartida os educadores não se encontram em condições de incluir e construir atividades escolares que contemplem as diversas deficiências.

Embora 60% (12) dos educadores viessem afirmar que tiveram disciplinas que contemplassem a inclusão, essas por sua vez, não agregavam conhecimentos específicos em relação aos casos vivenciados em sala de aula. Dos participantes, 40% relataram que essa formação não foi suficiente para o atendimento dos alunos com necessidades educacionais especiais. Em relação aos outros aspectos, foram citados também o tempo de curso de formação que para os participantes, eram insuficientes e, muitas vezes, a escolha do plano de formação em inclusão, não contemplava todas as realidades existentes em sala, deixando assim, lacunas em sua formação.

Embora a grande maioria dos participantes tenham demonstrado que a presença do aluno com NEE não interfere na rotina da sala de aula, eles relataram que não

conseguem desenvolver atividades paralelas que contemplem essa parcela de alunos de inclusão, mesmo sendo a favor dela.

A parte que envolve a socialização e interação entre os alunos regulares com os alunos com necessidades especiais, essa por sua vez, tem sido elogiada por todos os educadores. Eles defendem a socialização e demonstram que há uma situação de interação e aprendizagem entre os alunos como se fosse uma troca mútua, em que os primeiros contribuem com a formação pedagógica e os últimos com a formação humana.

Outro dado relevante foi o pedido da grande maioria dos educadores em ter por perto profissionais especialistas, que possam contribuir com o auxílio em sala de aula e também com a formação deles no âmbito da inclusão.

E por fim, as atitudes dos professores, bem como o seu acompanhamento, sua metodologia, a inserção de materiais e recursos específicos podem contribuir, segundo eles, com uma formação mais humana e pedagógica dos alunos com necessidades especiais. Contudo, os educadores demonstram não estar preparados, no entanto, vale ressaltar que há uma busca incessante para sanarem as dificuldades e que com isso, possam contribuir a partir de sua formação continuada em inclusão, cada vez mais com o processo educacional do aluno.

Apesar deste estudo não permitir generalizações por estar centrado numa amostra de conveniência, podemos retirar, das respostas dadas, a necessidade de um olhar atento das políticas públicas para a formação do docente no tocante a inclusão, objetivando ações mais imediatas no tratamento adequado aos alunos NEE. As conclusões estão próximas de estudos semelhantes como referem Mantoan (2006); Sasaki (1998); Silva (2001); Garnica *et al.* (2016) e Sardalla (1997).

5. REFERÊNCIAS

- Andrade, I.C.F e Caron, L. (Org.) *et al.* (2016). *Trilhas e Travessias da Inclusão Escolar*. São José, SC, ICEP.
- Bastos, A.V.B. (2005). A Psicologia no contexto das organizações: tendências inovadoras no espaço de atuação do psicólogo. In: Conselho Federal de Psicologia (Org.) *Psicólogo brasileiro: construção de novos espaços*. Campinas, Alínea, p.135-204.
- Carneiro, R.U.C. (2013). *Inclusão Escolar e Formação de Professores: O Exercício da docência como objeto de formação*. Londrina, VIII Encontro da Associação Brasileira de Pesquisadores em Educação Especial de 05 a 07 novembro.
- Cintra, G. M. S.; Rodrigues, S. D. e Ciasca, S. M. (2009). Inclusão Escolar: há coesão nas expectativas de pais e professores? *Revista de Psicopedagogia*, São Paulo, 26(79): 55-64. [Em linha]. Disponível em:<<http://www.revistapsicopedagogia.com.br/detalhes/268/inclusao-escolar--ha-coesao-nas-expectativas-de-pais-e-professores->>. [Consultado em: 10/02/2019].
- Correia, L (2008) *A escola contemporânea e a inclusão de alunos com NEE*. Porto, Porto Editora.
- Correia, L e Serrano, J. (2000). Reflexões para a construção de uma escola inclusiva. Rio de Janeiro, *Revista Inclusão*, 1, pp. 31/35.
- Creswell. J.W. (2010). *Projeto de Pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto*. 3 ed. Porto Alegre, Artmede.
- Crochík, J.L. (2002). Apontamentos sobre a educação inclusiva. In: Santos, G, A. e Silva, D.J. da (org) *Estudos sobre ética. A construção de valores na sociedade e na educação*. São Paulo, Casa do psicólogo, p. 279-297.
- Dutra, C. P. e Griboski.C.M. (2005). *Gestão para a inclusão*. São Paulo, Cadernos, edição 2, n° 26 [Em linha]. Disponível em:<<https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/4372/2566> [Consultado em:24/08/2018]
- Fernandes, L. B; Schlesener, A e Mosquera, C. (2011). Breve histórico da deficiência e seus paradigmas. Curitiba, *Revista do Núcleo de Estudos e Pesquisas Interdisciplinares em Musicoterapia*, v.2, p.132 –144. [Em linha]. Disponível em:<<http://periodicos.unespar.edu.br/index.php/incantare/article/viewFile/181/C86>> [Consultado em: 23/02/2018].
- Garnica, T.P.B. *et al.* (2012). O saber-fazer na formação de professores para a Inclusão Escolar: Um levantamento bibliográfico. São Paulo, *Revista Ensino & Pesquisa*, v.14, n.02, jul /dez 2016, p. 58-87. [Em linha]. Disponível em:<

<http://periodicos.unespar.edu.br/index.php/ensinoepesquisa/article/viewFile/970/599>>. [Consultado em: 06/09/2018]

- Glat, R.; Fernandes, E.M. (2005). Da educação segregada à educação inclusiva: uma breve reflexão sobre os paradigmas educacionais no contexto da educação especial brasileira. Brasília, *Revista Inclusão*, v. 1, n. 1, p. 35-39.
- Kassar, M.C.M. (2011). Educação especial na perspectiva da educação inclusiva: desafios da implantação de uma política nacional. *Educar em Revista*, n. 41, p. 61-79, jul./set. Curitiba, Editora UFPR [Em linha]. Disponível em:<<http://www.scielo.br/pdf/er/n41/05.pdf>> [Consultado em: 23/02/2018].
- Lakatos, E.M e Marconi, M.A. (2016). *Fundamentos de metodologia científica*. 7 ed. São Paulo, Atlas.
- Ludwig, A. C. W. (2015). *Fundamentos e prática de Metodologia Científica*. 3 ed. Petrópolis, RJ, Vozes.
- Mantoan, M.T.E. (2003). *Inclusão escolar. O que é? Por quê? Como fazer?* São Paulo, Moderna.
- Mantoan, M.T.E. (2006). *Igualdade e diferenças na escola – como andar no fio da navalha*. Campinas, UNICAMP. [Em linha]. Disponível em:<eurydice.nied.unicamp.br/portais/todosnos/.../todosnos/.../IgualdadeDiferencas.doc.1....> [Consultado em: 23/02/2018].
- Mantoan, M. T. E.; Prieto, R. G. (2006). *Inclusão escolar: pontos e contrapontos*. São Paulo, Summus Editorial Departamento Editorial SP
- Mantoan, M.T.E (org.). (2011). *O desafio das diferenças nas escolas*. 4. ed. Petrópolis, RJ, Vozes.
- Mantoan M.T.E. (2015). *“Inclusão escolar.” O que é ?Porque? Como fazer?* São Paulo, Summus Editorial Departamento Editorial SP.
- Mazzotta, M.J.S. e Sousa, S.M.Z. (2000). Inclusão escolar e educação especial: considerações sobre a política educacional brasileira. São Paulo, *Revista Estilos Clínicas*. vol.5 no.9 [Em linha]. Disponível em:<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-71282000000200007>. [Consultado em: 25/02/2018].
- MEC (2001). Ministério da Educação. *Diretrizes nacionais para a educação especial na educação básica*. Brasília, MEC/SEESP. 79 p.
- MEC (2008). Ministério da Educação. *Secretaria de Educação Especial. Política nacional de educação especial na perspectiva da educação inclusiva*. Brasília, MEC/SEESP.

- Mrech, L. M. (1998). *O que é educação inclusiva?* São Paulo, *Revista Integração*, 10(20), 37-40.
- Nóvoa, A. (Coord.). (1995). *Os professores e a sua formação*. 2 ed. Lisboa, Dom Quixote.
- Nóvoa, A. (2009). *Professores: imagens do futuro presente*. Lisboa, Relgráfica artes gráficas.
- Oliva, D.V. (2016). Barreiras e recursos à aprendizagem e à participação de alunos em situação de inclusão. São Paulo, *Psicol. USP* vol.27 no.3. [Em linha]. Disponível em:<<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sciarttext&pid=S01035642016000300492>>.[Consultado em: 29 de julho de 2018].
- Oliveira, R.P. de e Adrião, T. (orgs.). (2001) *Gestão, financiamento e direito a educação: análise da LDB e da Constituição Federal*. São Paulo, Xamã.
- Padilha, R. P. (2001) *Planeamento dialógico: como construir o projeto político pedagógico da escola*. São Paulo, Cortez, Instituto Paulo Freire.
- Patto, M. H. S. (2005). Das causas do fracasso escolar: um discurso fraturado. In: Patto, M. H. S. *A Produção do Fracasso Escolar: Histórias de Submissão e Rebelião*. 2. ed. São Paulo, Casa do Psicólogo. p. 117-124.
- Perrenoud, P. (2000). *Dez novas competências para ensinar*. São Paulo, Artmed.
- Prieto, R. G. (2006). Atendimento escolar de alunos com necessidades educacionais especiais: um olhar sobre as políticas públicas de educação no Brasil. In: Arantes, V. A. *Inclusão escolar: pontos e contrapontos*. São Paulo, Summus.
- Rodrigues, D. (2005) Educação Inclusiva: mais qualidade à diversidade. In: *et al.* (Orgs.). *Educação inclusiva e necessidades educacionais especiais*. Santa Maria, RS, Ed. UFSM, p. 45/63.
- Rossetto, E. P. (2004). *Processo de inclusão: um grande desafio para o século XXI*. Pará, Universidade Estadual do Pará. [Em linha]. Disponível em:<http://www2.uepa.br/nedeta/Arquivos/inclusao_um_grande_desafio.pdf. > [Consultado em: 23/02/2018].
- Sampaio, C. e Gonçalves, G. (2004). Análise da prática: dispositivo incontornável de ação pedagógica junto a crianças e jovens em dificuldades. In: *Construindo cidadania: proposta pedagógica da fundação Cidade Mãe*. Salvador, UNICEF/ Fundação Cidade Mãe.
- Sampaio, C. T; Sampaio, S.M.R. (2009). *Educação Inclusiva: O professor mediando para a vida*. Bahia, Edufba.

- Sampíeri, E.H.; Collado, C.F. e Lucio, M.P. (2013). *Metodologia de pesquisa*. 5 ed. Porto Alegre, Penso.
- Sardalla, A. M. (1997). *Com a palavra a professora: suas crenças, suas ações*. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Educação, Campinas, Universidade Estadual de Campinas. [Em linha]. Disponível em:<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_nlinks&ref=000128&pid=S1413-7372200500020000900026&lng=pt>. [Consultado em: 10/03/2018].
- Sasaki, R. (1998). Entrevista especial à Revista Integração. Brasília, *Revista Integração*. MEC, v.8, n. 20, p.09-17.
- Serrano, A. M. (2005). *Percursos e práticas para uma escola inclusiva*. Braga. Universidade do Minho. [Em linha]. Disponível em:<<https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/43397/1/Patr%C3%AAdcia%20Alexandra%20Loureiro%20Pinheiro.pdf>>. [Consultado em: 20/03/2018].
- Severino, A. J. (2016). *Metodologia do trabalho científico*. 24 ed. ver. E atual. São Paulo, Cortez.
- Silva, M.A.O. (2001). *O discurso dos professores sobre a formação continuada*. 24 reunião. Feira de Santana, [Em linha]. Disponível em:<<http://www.anped.org.br/reuniões/24/P0850042428659.doc>>[Consultado em: 20/03/2018].
- Sousa, S. Z. L.; Prieto, R. G. (2001). A educação especial. In: OLIVEIRA, R.P.; ADRIÃO, T. (Org.). *Organização do ensino no Brasil: níveis e modalidades na Constituição Federal e na LDB*. São Paulo, Xamã, 2.p. 123-136.
- Stainback, S. & Stainback, W. (Orgs.). (1999). *Inclusão: um guia para educadores* (M.F. Lopes, Trad., pp. 21-34). Porto Alegre, Artes Médicas.
- Torezan, J.M.D. (2002). Nota sobre a vegetação do rio Tibagi. In: M.E. Medri, E. Bianchini, O.A. Shibatta & J.A. Pimenta. *A bacia do rio Tibagi*, Londrina, p.103-108.[Em linha]. Disponível em:<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_nlinks&ref=000203&pid=S0102-3306200700020001900029&lng=en>. [Consultado em: 20/03/2018].
- UNESCO. (1990). *Declaração mundial sobre educação para todos: Satisfação das Necessidades Básicas de Aprendizagem*. Jomtien. [Em linha]. Disponível em:<https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000086291_por>. [Consultado em: 20/03/2018].
- UNESCO. (1994). *Declaração de Salamanca e linha de ação sobre necessidades educativas especiais*. Brasília, CORDE.
- Vitalliano, C. R. (2002) *Concepções de professores universitários da área de educação e do ensino regular sobre o processo de integração de alunos especiais e a*

formação de professores. 308 f. Tese (Doutorado em educação) Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Filosofia e Ciências, Marília, SP.

ANEXOS

ANEXO 01 - SOLICITAÇÃO PARA A INVESTIGAÇÃO

Exa-ma/Sr
Sr^a _____

Escola _____



Assunto: Solicitação de autorização para a investigação na Escola

Eu, Maria Umbelina de Oliveira, portadora do CPF 295820409-04, identidade 297229, residente na cidade de Lages S.C. Brasil, na rua Servidão dos Amaral nº 84, centro, professora, concursada, efetiva, lotada na secretaria da educação do município de Lages, venho por meio deste solicitar a devida autorização para realizar a seguinte pesquisa: “A DIFICULDADE DO DOCENTE DO 1º CICLO DO ENSINO FUNDAMENTAL NUMA ESCOLA INCLUSIVA”, sob a qual assumo total responsabilidade.

Solicitação está feita a E.M.E.B. Professor Pedro Cândido, estabelecimento de ensino da rede municipal de educação do município de Lages, S.C, na pessoa de sua gestora a senhora Eliane Aparecida de Lima Cezar da Silva.

O objetivo da presente pesquisa é detectar as dificuldades que os profissionais da educação deste estabelecimento estão encontrando frente a inclusão nas salas de ensino regular.

A coleta de dados será realizada através de um questionário de perguntas abertas, disponibilizado gentilmente pela professora Fatima Coelho, instrumento este que estará em anexo.

A intervenção será realizada no mês de outubro de 2017, no próprio estabelecimento sito à rua Barcelona nº 49 Bairro Boqueirão, Lages S.C. Brasil, abrangendo um público de aproximadamente 30 profissionais da educação.

Comprometo-me a manter sigilo das respostas recebidas, bem como apresentar uma devolução para o referido estabelecimento, dos resultados da presente pesquisa.

Os meus melhores respeitosos cumprimentos,

Maria Umbelina de Oliveira

ANEXO 02 -TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado (a) a participar da investigação sobre **“Dificuldades do docente do 1º ciclo do ensino fundamental, numa escola inclusiva”** de responsabilidade da pesquisadora Maria Umbelina de Oliveira. O participante foi informado (a) de forma clara e detalhada sobre os objetivos e a justificativa da pesquisa.

Ele tem conhecimento de que responderá a um questionário com perguntas pré-estabelecidas que se referem sobre o empreendedorismo. O participante receberá resposta a qualquer dúvida sobre essa investigação, além de outros assuntos relacionados à pesquisa. Também foi lhe informado que a avaliação ocorrerá com a monitorização constante do pesquisador, sendo o procedimento interrompido ante qualquer intercorrência adversa. Não haverá nenhum desconforto psicológico ou risco na sua participação na pesquisa.

O participante compreendeu que os benefícios que serão proporcionados à sociedade são de uma importância imensurável para aqueles que buscam uma educação mais inclusiva, e o mesmo terá a garantia de receber todos os esclarecimentos sobre qualquer dúvida relacionada à pesquisa e poderá ter acesso aos dados em qualquer etapa do estudo. Também não haverá nenhuma despesa, ficando as custas por conta do pesquisador.

Concorda com a divulgação dos dados obtidos durante a pesquisa, bem como entende que não será identificado e que se manterá o caráter sigiloso das informações. Também sabe que os dados obtidos serão arquivados e, futuramente, a pesquisa, se possível, publicada para fornecer aos profissionais os dados mensurados. Sabe que terá total liberdade para retirar o seu consentimento e deixar de participar do estudo a qualquer momento, sem que isso traga prejuízos ou implicações.

Caso tenha dúvidas sobre o comportamento do pesquisador ou sobre as mudanças ocorridas na pesquisa que não constam no TCLE, e caso se considerar prejudicado (a) na sua dignidade e autonomia, pode entrar em contato com o (a) pesquisador (a) Maria Umbelina de Oliveira – Contato ()).

DIFICULDADES DO DOCENTE DO 1º CICLO DO ENSINO FUNDAMENTAL, NUMA ESCOLA INCLUSIVA.

Dessa forma, se você concorda em participar da pesquisa como consta nas explicações e orientações acima, coloque seu nome no local indicado abaixo.

Desde já, agradecemos a sua colaboração e solicitamos a sua assinatura de autorização neste termo, que será também assinado pelo pesquisador responsável em duas vias, sendo que uma ficará com você e outra com o (a) pesquisador (a).

Cidade, ____ de ____ de ____.

Nome legível do participante

Assinatura do(a) participante

Maria Umbelina de Oliveira

Assinatura do pesquisador(a)

ANEXO 03 – AUTORIZAÇÃO DO QUESTIONÁRIO

Maria Umbelina de Oliveira

----- Forwarded message -----

From: **Fatima Coelho** <fcoelho@ufp.edu.pt>

Date:

Subject: Re: Solicitação de autorização

To: Maria Umbelina de Oliveira <mariaumbelinaoliveira@gmail.com>

Maria Umbelina

pode usar mas deveria fazer adaptações pois os conceitos foram se alterando

Cumprimentos

Obs.: No Brasil os conceitos ainda estão iguais e não foi necessário fazer adaptações nesse quesito.

ANEXO 04 -DECLARAÇÃO DE CONSENTIMENTO

DECLARAÇÃO DE CONSENTIMENTO INFORMADO

“Dificuldades do docente do 1º ciclo do ensino fundamental, numa escola inclusiva.”

Eu, abaixo-assinado _____, compreendi a explicação que me foi fornecida acerca da sua participação na investigação que se tenciona realizar, bem como do estudo em que será incluído. Foi-me dada oportunidade de fazer as perguntas que julguei necessárias, e de todas obtive resposta satisfatória.

Tomei conhecimento de que a informação ou explicação que me foi prestada versou os objectivos e os métodos. Além disso, foi-me afirmado que tenho o direito de recusar a todo o tempo a sua participação no estudo, sem que isso possa ter como efeito qualquer prejuízo pessoal.

Foi-me ainda assegurado que os registos em suporte papel e/ou digital (sonoro e de imagem) serão confidenciais e utilizados única e exclusivamente para o estudo em causa, sendo guardados em local seguro durante a pesquisa e destruídos após a sua conclusão.

Por isso, consinto em participar no estudo em causa.

Data: ____/____/20__

Assinatura do Responsável pelo participante no projecto: _____

O Investigador responsável: Maria Umbelina de Oliveira

Nome:

Assinatura:

Comissão de Ética da Universidade Fernando Pessoa

**ANEXO 05 – GUIÃO DE PERGUNTAS PARA SEREM RESPONDIDAS
PELOS PROFESSORES**



MESTRADO EM - UFP

Este questionário é parte de um trabalho de pesquisa relacionado com a inclusão escolar.

Buscamos através deste instrumento, coletar dados importantes, que nos levarão a conhecer as maiores dificuldades que os professores encontram no seu cotidiano profissional, frente a inclusão dos alunos com necessidades educativas especiais (NEES) em escolas de ensino regular (ER).

Queremos também levantar entre esses profissionais, ideias, sugestões e contribuições no sentido de minimizar as dificuldades e aumentar as possibilidades dos referidos alunos.

Com certeza sua colaboração é imprescindível para o desenvolvimento desse estudo, suas respostas serão apreciadas e valorizadas, e os resultados compilados serão confidenciais.

Vale lembrar que neste estudo entendemos que:

“Há uma necessidade educativa especial quando um problema (físico, sensorial, intelectual, emocional e social) afeta a aprendizagem, havendo necessidade de um currículo especial ou modificado, ou de condições de aprendizagem especiais, com adaptações para que o aluno seja privilegiado com uma educação condizente com seu potencial e limitações”.

Os serviços de educação especial poderão beneficiar largamente o aprendizado desses alunos.

Entendemos por educação especial:

“ O conjunto de serviços de apoio especializados (de âmbito educacional, terapêutico, psicológico, social e clínico) determinados a atender as necessidades educativas especiais do aluno, baseando-se em suas características, capacidades e necessidades com o objetivo de multiplicar o seu potencial”.

Toda a gratidão pela sua valiosa colaboração.

Maria Umbelina de Oliveira

QUESTIONÁRIO

1º PARTE (CARACTERÍSTICAS PESSOAIS E PROFISSIONAIS)

1. Idade

< de 30 31 a 40 41 a 50 > de 50

2. Género

Masculino Feminino

3. Tipo de Professor

Turma Ed. Especial Outro

4. Grau Académico

Bacharel Licenciado Mestre Doutor

5. Anos de docência

< de 3 4 a 6 7 a 25 25 a 35 > 35

6. Nível de ensino

1º ciclo 2º ciclo 3º ciclo Ed. Especial

7. Indique a sua escola / universidade de formação inicial

8. Na sua formação inicial teve alguma(s) disciplina(s) que o preparasse para a intervenção com alunos com necessidades educativas especiais?

Não Sim Em caso afirmativo indique quais:

9. Se respondeu sim na questão anterior e pensando na sua atividade profissional considera a formação que recebeu como:

Muito insuficiente Insuficiente Suficiente Boa Muito boa

10. Após seu curso de formação inicial frequentou ações de formação continua, relacionadas com a intervenção com alunos com necessidades educativas especiais?

(Considere apenas a formação continua e não a formação especializada)

Não Sim

11. Se respondeu sim na questão anterior indique o número de horas

até 25 26 a 50 51 a 75 mais de 75

12. As informações recebidas na ações de formação foi:

Muito insuficiente Insuficiente Suficiente Boa Muito boa

13. Tem formação especializada em educação especial?

Não Sim

14. Em caso afirmativo indique o domínio da sua especialização

Cognitivo e motor Emocional e da personalidade Comunicação e linguagem
 Visual

15. Localização da escola onde leciona atualmente

16. Tem experiência de coordenação / direção de escola / agrupamento?

Não Sim.

2º PARTE

1. Para cada afirmação, por favor assinale a opção que melhor exprime a sua opinião (assinale só uma hipótese).

1) O contato com alunos com NEE's em aulas do ensino regular, não contribui para que os outros alunos assumam condutas inadequadas.

Discordo totalmente Discordo parcialmente Indiferente Concordo parcialmente Concordo totalmente

2) O aluno com NEE's não pode enfrentar os desafios que se colocam na turma com igualdade de condições com o aluno dito "normal".

Discordo totalmente Discordo parcialmente Indiferente Concordo parcialmente Concordo totalmente

3) É difícil manter a ordem em uma turma de ensino regular, na qual estão incluídos alunos com NEE's.

Discordo totalmente Discordo parcialmente Indiferente Concordo parcialmente Concordo totalmente

4) Devido a falta de autocontrole dos alunos com NEE's, não é benéfico para eles serem incluídos em turmas de ensino regular.

Discordo totalmente Discordo parcialmente Indiferente Concordo parcialmente Concordo totalmente

5) Normalmente os alunos com NEE's comportam-se adequadamente na turma de ensino regular.

Discordo totalmente Discordo parcialmente Indiferente Concordo parcialmente Concordo totalmente

6) A eficácia pedagógica dos professores, nas turmas com alunos com NEE's fica reduzida, visto que tem de atender alunos com diferentes tipos de capacidade.

Discordo totalmente Discordo parcialmente Indiferente Concordo parcialmente Concordo totalmente

7) Os professores de educação especial deveriam apoiar os seus colegas professores e não diretamente os alunos.

Discordo totalmente Discordo parcialmente Indiferente Concordo parcialmente Concordo totalmente

8) Os alunos com NEE's não obteriam mais proveito se fossem educados em instituições de ensino especial.

Discordo totalmente Discordo parcialmente Indiferente Concordo parcialmente Concordo totalmente

9) A inclusão dos alunos com NEE's no ensino regular obriga a alteração das atividades normais da aula.

Discordo totalmente Discordo parcialmente Indiferente Concordo parcialmente Concordo totalmente

10) A educação dos alunos com NNE's numa turma de ensino regular atenua as diferenças entre eles e os seus companheiros ditos "normais".

Discordo totalmente Discordo parcialmente Indiferente Concordo parcialmente Concordo totalmente

11) Todos os alunos, quaisquer que sejam as suas necessidades educativas, tem o direito a assistir as aulas na turma de ensino regular.

Discordo totalmente Discordo parcialmente Indiferente Concordo parcialmente Concordo totalmente

12) Os alunos ditos "normais" que interagem com os alunos com NEE's tem menos possibilidades de se desenvolverem.

Discordo totalmente Discordo parcialmente Indiferente Concordo parcialmente Concordo totalmente

13) A inclusão escolar de alunos com NNE's é uma moda, deixará de se praticar quando se provar que não é rentável a longo prazo.

Discordo totalmente Discordo parcialmente Indiferente Concordo parcialmente Concordo totalmente

14) A presença de um aluno com NNE's numa turma de ensino regular não interfere com o progresso de seus colegas.

Discordo totalmente Discordo parcialmente Indiferente Concordo parcialmente Concordo totalmente

15) A educação dos alunos com NNE's em instituições de ensino especial fará-los adquirir uma visão distorcida da realidade, acentuando a sua deficiência.

Discordo totalmente Discordo parcialmente Indiferente Concordo parcialmente Concordo totalmente

16) Os alunos com NNE's tem ciclos de atenção mais curtos que os outros, pelo que não podem beneficiar das atividades desenvolvidas em turmas de ensino regular.

() Discordo totalmente () Discordo parcialmente () Indiferente () Concordo parcialmente () Concordo totalmente

17) A atenção que requerem os alunos com NNE's não prejudica o sucesso dos outros alunos da turma.

() Discordo totalmente () Discordo parcialmente () Indiferente () Concordo parcialmente () Concordo totalmente

18) Os que estão a favor da inclusão dos alunos com NNE's no ensino regular, na realidade, estão pouco interessados em melhorar a qualidade do ensino.

() Discordo totalmente () Discordo parcialmente () Indiferente () Concordo parcialmente () Concordo totalmente

19) Se as comunidades educativas fossem responsabilizadas pela concepção / execução dos programas educativos para crianças com NEE's, estas não apresentariam tantas dificuldades de integração e aprendizagem.

() Discordo totalmente () Discordo parcialmente () Indiferente () Concordo parcialmente () Concordo totalmente

20) A presença de alunos com NEE's numa turma de ensino regular, proporciona novas situações de aprendizagem para outros alunos.

() Discordo totalmente () Discordo parcialmente () Indiferente () Concordo parcialmente () Concordo totalmente

21) Atender alunos com NEE's em turmas de ensino regular não é benéfico nem para os alunos NEE's nem para o aluno dito "normal".

() Discordo totalmente () Discordo parcialmente () Indiferente () Concordo parcialmente () Concordo totalmente

22) Incluir na turma regular alunos com NEE's ocasiona mais benefícios que problemas.

() Discordo totalmente () Discordo parcialmente () Indiferente () Concordo parcialmente () Concordo totalmente

23) As aprendizagens académicas dos alunos com NEE's fazem-se mais lentamente devido as dificuldades que enfrentam numa turma de ensino regular.

() Discordo totalmente () Discordo parcialmente () Indiferente () Concordo parcialmente () Concordo totalmente

24) Sem uma formação especializada, dificilmente o professor do ensino regular poderá dar uma resposta adequada aos alunos com NEE's.

() Discordo totalmente () Discordo parcialmente () Indiferente () Concordo parcialmente () Concordo totalmente

25) Sem os recursos didáticos necessários, a ajuda do professor de apoio é quase inútil.

() Discordo totalmente () Discordo parcialmente () Indiferente () Concordo parcialmente () Concordo totalmente

26) Nas classes regulares os alunos com NEE's podem acelerar o seu ritmo de aprendizagem, pois tomam como estímulo o modelo dos alunos ditos "normais".

() Discordo totalmente () Discordo parcialmente () Indiferente () Concordo parcialmente () Concordo totalmente

27) A heterogeneidade das turmas não é fator de insucesso escolar.

() Discordo totalmente () Discordo parcialmente () Indiferente () Concordo parcialmente () Concordo totalmente

3º PARTE

1. Classifique por ordem de prioridade crescente de 1 a 7 (sendo 1 a menos importante e 7 a mais importante) as condições que considera mais relevantes para que seja possível a realização de um efetivo processo de inclusão (Ex: ao atribuir 7 a uma condição a outra terá de atribuir 6 e a outra 5 e assim sucessivamente até 1).

Atitudes dos professores

() 1 () 2 () 3 () 4 () 5 () 6 () 7

Avaliação / Acompanhamento dos alunos

() 1 () 2 () 3 () 4 () 5 () 6 () 7

Metodologia de ensino

() 1 () 2 () 3 () 4 () 5 () 6 () 7

Formação específica para trabalhar com alunos com NEE's

() 1 () 2 () 3 () 4 () 5 () 6 () 7

Materiais e recursos

() 1 () 2 () 3 () 4 () 5 () 6 () 7

Colaboração entre professores

() 1 () 2 () 3 () 4 () 5 () 6 () 7

DIFICULDADES DO DOCENTE DO 1º CICLO DO ENSINO FUNDAMENTAL, NUMA ESCOLA INCLUSIVA.

Técnicos especializados (professores, psicólogos, terapeutas)

1 2 3 4 5 6 7

2. Se considera que existe outra condição além das anteriores, indique qual:

3. Quais são as dificuldades que sente mais frequentemente no exercício da sua atividade docente, para a inclusão dos alunos com NEE's no ensino regular?

4. Na sua opinião quais os conteúdos / disciplinas que deveriam constar nos planos de estudo das escolas de formação de professores, para que estes pudessem atender de forma eficaz todos os alunos?

5. Este espaço destina-se a comentários / observações que deseje fazer e considere importante sobre o tema focado e que não estejam contemplados neste questionário.

ANEXO 06 – TABULAÇÃO DOS RESULTADOS



GUIÃO DE PERGUNTAS PARA SEREM RESPONDIDAS PELOS PROFESSORES

MESTRADO EM - UFP

QUESTIONÁRIO

1º PARTE (CARACTERÍSTICAS PESSOAIS E PROFISSIONAIS)

1. Idade

() () () ()

Respostas	Quantidade
< de 30	3
31 a 40	8
41 a 50	6
> de 50	3

2. Género

() ()

Respostas	Quantidade
Masculino	2
Feminino	18

3. Tipo de Professor

() () ()

Respostas	Quantidade
Turma	10
Ed. Especial	5
Outro	5

4. Grau Académico

() () () ()

Respostas	Quantidade
Bacharel	2
Licenciado	15
Mestre	2
Doutor	1

5. Anos de docência

DIFICULDADES DO DOCENTE DO 1º CICLO DO ENSINO FUNDAMENTAL, NUMA ESCOLA INCLUSIVA.

Respostas	Quantidade
< de 3	3
4 a 6	3
7 a 25	6
25 a 35	5
> 35	3

6. Nível de ensino

() () () ()

Respostas	Quantidade
1º ciclo	10
2º ciclo	7
3º ciclo	
Ed. Especial	3

7. Indique a sua escola / universidade de formação inicial

8. Na sua formação inicial teve alguma(s) disciplina(s) que o preparasse para a intervenção com alunos com necessidades educativas especiais?

() Não () Sim Em caso afirmativo indique quais:

Sim	Não
12	8

9. Se respondeu sim na questão anterior e pensando na sua atividade profissional considera a formação que recebeu como:

Respostas	Quantidade
Muito insuficiente (1
Insuficiente	8
Suficiente	2
Boa	1
Muito boa	

10. Após seu curso de formação inicial frequentou ações de formação contínua, relacionadas com a intervenção com alunos com necessidades educativas especiais? (Considere apenas a formação contínua e não a formação especializada)

Sim	Não
9	11

11. Se respondeu sim na questão anterior indique o número de horas

Número de Horas	Quantidade de pessoas que responderam
até 25	2
26 a 50	
51 a 75	
mais de 75	5

12. As informações recebidas na ações de formação foi:

() () () () ()

Número de Horas	Quantidade
Muito insuficiente	
Insuficiente	2
Suficiente	3
Boa	2
Muito boa	1

13. Tem formação especializada em educação especial?

() Não () Sim

Sim	Não
2	18

14. Em caso afirmativo indique o domínio da sua especialização

(x) Cognitivo e motor (x) Emocional e da personalidade (x) Comunicação e linguagem (x) Visual

15. Localização da escola onde leciona atualmente

16. Tem experiência de coordenação / direção de escola / agrupamento?

() Não = 12

() Sim.= 8

2º PARTE

1. Para cada afirmação, por favor assinale a opção que melhor exprime a sua opinião (assinale só uma hipótese).

1) O contato com alunos com NEE's em aulas do ensino regular, não contribui para que os outros alunos assumam condutas inadequadas.

Respostas	Quantidade
Discordo totalmente	6
Discordo parcialmente	3
Indiferente	
Concordo parcialmente	6
Concordo totalmente	4

() Discordo totalmente () Discordo parcialmente () Indiferente () Concordo parcialmente () Concordo totalmente

Respostas	Quantidade
Discordo totalmente	6
Discordo parcialmente	3
Indiferente	
Concordo parcialmente	6
Concordo totalmente	4

2) O aluno com NEE's não pode enfrentar os desafios que se colocam na turma com igualdade de condições com o aluno dito "normal".

() Discordo totalmente () Discordo parcialmente () Indiferente () Concordo parcialmente () Concordo totalmente

Respostas	Quantidade
Discordo totalmente	5
Discordo parcialmente	7

DIFICULDADES DO DOCENTE DO 1º CICLO DO ENSINO FUNDAMENTAL, NUMA ESCOLA INCLUSIVA.

Indiferente	
Concordo parcialmente	5
Concordo totalmente	4

3) É difícil manter a ordem em uma turma de ensino regular, na qual estão incluídos alunos com NEE's.

Discordo totalmente Discordo parcialmente Indiferente Concordo parcialmente Concordo totalmente

Respostas	Quantidade
Discordo totalmente	9
Discordo parcialmente	6
Indiferente	
Concordo parcialmente	3
Concordo totalmente	3

4) Devido a falta de autocontrole dos alunos com NEE's, não é benéfico para eles serem incluídos em turmas de ensino regular.

Discordo totalmente Discordo parcialmente Indiferente Concordo parcialmente Concordo totalmente

Respostas	Quantidade
Discordo totalmente	12
Discordo parcialmente	3
Indiferente	
Concordo parcialmente	4
Concordo totalmente	1

5) Normalmente os alunos com NEE's comportam-se adequadamente na turma de ensino regular.

Discordo totalmente Discordo parcialmente Indiferente Concordo parcialmente Concordo totalmente

Respostas	Quantidade
Discordo totalmente	2
Discordo parcialmente	5
Indiferente	

DIFICULDADES DO DOCENTE DO 1º CICLO DO ENSINO FUNDAMENTAL, NUMA ESCOLA INCLUSIVA.

Concordo parcialmente	12
Concordo totalmente	1

6) A eficácia pedagógica dos professores, nas turmas com alunos com NEE's fica reduzida, visto que tem de atender alunos com diferentes tipos de capacidade.

Discordo totalmente Discordo parcialmente Indiferente Concordo parcialmente Concordo totalmente

Respostas	Quantidade
Discordo totalmente	6
Discordo parcialmente	3
Indiferente	1
Concordo parcialmente	6
Concordo totalmente	4

7) Os professores de educação especial deveriam apoiar os seus colegas professores e não diretamente os alunos.

Discordo totalmente Discordo parcialmente Indiferente Concordo parcialmente Concordo totalmente

Respostas	Quantidade
Discordo totalmente	5
Discordo parcialmente	4
Indiferente	
Concordo parcialmente	9
Concordo totalmente	2

8) Os alunos com NEE's não obteriam mais proveito se fossem educados em instituições de ensino especial.

Discordo totalmente Discordo parcialmente Indiferente Concordo parcialmente Concordo totalmente

Respostas	Quantidade
Discordo totalmente	6
Discordo parcialmente	6
Indiferente	1
Concordo parcialmente	7

Concordo totalmente	
---------------------	--

9) A inclusão dos alunos com NEE's no ensino regular obriga a alteração das atividades normais da aula.

() Discordo totalmente () Discordo parcialmente () Indiferente () Concordo parcialmente () Concordo totalmente

Respostas	Quantidade
Discordo totalmente	8
Discordo parcialmente	5
Indiferente	
Concordo parcialmente	5
Concordo totalmente	2

10) A educação dos alunos com NNE's numa turma de ensino regular atenua as diferenças entre eles e os seus companheiros ditos "normais".

() Discordo totalmente () Discordo parcialmente () Indiferente () Concordo parcialmente () Concordo totalmente

Respostas	Quantidade
Discordo totalmente	5
Discordo parcialmente	4
Indiferente	1
Concordo parcialmente	5
Concordo totalmente	5

11) Todos os alunos, quaisquer que sejam as suas necessidades educativas, tem o direito a assistir as aulas na turma de ensino regular.

() Discordo totalmente () Discordo parcialmente () Indiferente () Concordo parcialmente () Concordo totalmente

Respostas	Quantidade
Discordo totalmente	
Discordo parcialmente	2
Indiferente	
Concordo parcialmente	6
Concordo totalmente	12

12) Os alunos ditos “normais” que interagem com os alunos com NEE’s tem menos possibilidades de se desenvolverem.

Discordo totalmente Discordo parcialmente Indiferente Concordo parcialmente Concordo totalmente

Respostas	Quantidade
Discordo totalmente	16
Discordo parcialmente	4
Indiferente	
Concordo parcialmente	
Concordo totalmente	

13) A inclusão escolar de alunos com NNE’s é uma moda, deixará de se praticar quando se provar que não é rentável a longo prazo.

Discordo totalmente Discordo parcialmente Indiferente Concordo parcialmente Concordo totalmente

Respostas	Quantidade
Discordo totalmente	15
Discordo parcialmente	2
Indiferente	
Concordo parcialmente	2
Concordo totalmente	

14) A presença de um aluno com NNE’s numa turma de ensino regular não interfere com o progresso de seus colegas.

Discordo totalmente Discordo parcialmente Indiferente Concordo parcialmente Concordo totalmente

Respostas	Quantidade
Discordo totalmente	3
Discordo parcialmente	4
Indiferente	
Concordo parcialmente	4
Concordo totalmente	10

15) A educação dos alunos com NNE's em instituições de ensino especial fará-los adquirir uma visão distorcida da realidade, acentuando a sua deficiência.

Discordo totalmente Discordo parcialmente Indiferente Concordo parcialmente Concordo totalmente

Respostas	Quantidade
Discordo totalmente	8
Discordo parcialmente	7
Indiferente	
Concordo parcialmente	3
Concordo totalmente	2

16) Os alunos com NNE's tem ciclos de atenção mais curtos que os outros, pelo que não podem beneficiar das atividades desenvolvidas em turmas de ensino regular.

Discordo totalmente Discordo parcialmente Indiferente Concordo parcialmente Concordo totalmente

Respostas	Quantidade
Discordo totalmente	6
Discordo parcialmente	8
Indiferente	
Concordo parcialmente	6
Concordo totalmente	

17) A atenção que requerem os alunos com NNE's não prejudica o sucesso dos outros alunos da turma.

Discordo totalmente Discordo parcialmente Indiferente Concordo parcialmente Concordo totalmente

Respostas	Quantidade
Discordo totalmente	1
Discordo parcialmente	5
Indiferente	
Concordo parcialmente	7
Concordo totalmente	7

18) Os que estão a favor da inclusão dos alunos com NNE's no ensino regular, na realidade, estão pouco interessados em melhorar a qualidade do ensino.

() Discordo totalmente () Discordo parcialmente () Indiferente () Concordo parcialmente () Concordo totalmente

Respostas	Quantidade
Discordo totalmente	13
Discordo parcialmente	1
Indiferente	
Concordo parcialmente	5
Concordo totalmente	1

19) Se as comunidades educativas fossem responsabilizadas pela concepção / execução dos programas educativos para crianças com NEE's, estas não apresentariam tantas dificuldades de integração e aprendizagem.

Respostas	Quantidade
Discordo totalmente	1
Discordo parcialmente	5
Indiferente	
Concordo parcialmente	12
Concordo totalmente	2

20) A presença de alunos com NEE's numa turma de ensino regular, proporciona novas situações de aprendizagem para outros alunos.

() Discordo totalmente () Discordo parcialmente () Indiferente () Concordo parcialmente () Concordo totalmente

Respostas	Quantidade
Discordo totalmente	
Discordo parcialmente	
Indiferente	
Concordo parcialmente	6
Concordo totalmente	14

21) Atender alunos com NEE's em turmas de ensino regular não é benéfico nem para os alunos NEE's nem para o aluno dito "normal".

Discordo totalmente Discordo parcialmente Indiferente Concordo parcialmente Concordo totalmente

Respostas	Quantidade
Discordo totalmente	15
Discordo parcialmente	3
Indiferente	
Concordo parcialmente	1
Concordo totalmente	1

22) Incluir na turma regular alunos com NEE's ocasiona mais benefícios que problemas.

Discordo totalmente Discordo parcialmente Indiferente Concordo parcialmente Concordo totalmente

Respostas	Quantidade
Discordo totalmente	1
Discordo parcialmente	1
Indiferente	
Concordo parcialmente	7
Concordo totalmente	11

23) As aprendizagens acadêmicas dos alunos com NEE's fazem-se mais lentamente devido as dificuldades que enfrentam numa turma de ensino regular.

Discordo totalmente Discordo parcialmente Indiferente Concordo parcialmente Concordo totalmente

Respostas	Quantidade
Discordo totalmente	3
Discordo parcialmente	3
Indiferente	1
Concordo parcialmente	9
Concordo totalmente	4

24) Sem uma formação especializada, dificilmente o professor do ensino regular poderá dar uma resposta adequada aos alunos com NEE's.

() Discordo totalmente () Discordo parcialmente () Indiferente () Concordo parcialmente () Concordo totalmente

Respostas	Quantidade
Discordo totalmente	1
Discordo parcialmente	2
Indiferente	
Concordo parcialmente	10
Concordo totalmente	7

25) Sem os recursos didáticos necessários, a ajuda do professor de apoio é quase inútil.

() Discordo totalmente () Discordo parcialmente () Indiferente () Concordo parcialmente () Concordo totalmente

Respostas	Quantidade
Discordo totalmente	3
Discordo parcialmente	7
Indiferente	
Concordo parcialmente	5
Concordo totalmente	5

26) Nas classes regulares os alunos com NEE's podem acelerar o seu ritmo de aprendizagem, pois tomam como estímulo o modelo dos alunos ditos "normais".

() Discordo totalmente () Discordo parcialmente () Indiferente () Concordo parcialmente () Concordo totalmente

Respostas	Quantidade
Discordo totalmente	5
Discordo parcialmente	1
Indiferente	
Concordo parcialmente	11
Concordo totalmente	5

27) A heterogeneidade das turmas não é fator de insucesso escolar.

Discordo totalmente Discordo parcialmente Indiferente Concordo parcialmente Concordo totalmente

Respostas	Quantidade
Discordo totalmente	2
Discordo parcialmente	
Indiferente	
Concordo parcialmente	8
Concordo totalmente	10

3º PARTE

1. Classifique por ordem de prioridade crescente de 1 a 7 (sendo 1 a menos importante e 7 a mais importante) as condições que considera mais relevantes para que seja possível a realização de um efetivo processo de inclusão (Ex: ao atribuir 7 a uma condição a outra terá de atribuir 6 e a outra 5 e assim sucessivamente até 1).

Atitudes dos professores

1 2 3 4 5 6 7

	Quantidade
1	1
2	
3	1
4	5
5	1
6	4
7	7

Avaliação / Acompanhamento dos alunos

1 2 3 4 5 6 7

	Quantidade
1	
2	2
3	
4	1
5	3
6	3
7	8

Metodologia de ensino

1 2 3 4 5 6 7

Quantidade	
1	1
2	
3	5
4	3
5	3
6	1
7	6

Formação específica para trabalhar com alunos com NEE's

1 2 3 4 5 6 7

Quantidade	
1	1
2	
3	1
4	3
5	1
6	5
7	8

Materiais e recursos

1 2 3 4 5 6 7

Quantidade	
1	2
2	1
3	4
4	1
5	4
6	2
7	5

Colaboração entre professores

1 2 3 4 5 6 7

Quantidade	
1	5
2	3
3	2
4	2
5	
6	2
7	5

Técnicos especializados (professores, psicólogos, terapeutas

() 1 () 2 () 3 () 4 () 5 () 6 () 7

Quantidade	
1	1
2	6
3	
4	
5	3
6	1
7	8

2. Se considera que existe outra condição além das anteriores, indique qual:

P1	Nada a declarar
P2	Todas acima têm o mesmo grau de importância, nenhuma é mais relevante que a outra. Essas condições citadas são as mesmas que eu colocaria de grande importância.
P3	Parcerias com saúde e assistência social.
P4	Participação com colaboração da família.
P5	
P6	
P7	A participação efetiva e o comprometimento dos pais, tanto em saber qual a síndrome de seus filhos, quanto a cobrança nos estudos, nas tarefas, bem como na administração dos medicamentos indicados pelos médicos.
P8	Acessibilidade.
P9	Compartilhamento das informações entre os envolvidos.
P10	Participação efetiva da família.
P11	
P12	Acredito que infelizmente ainda exista o preconceito, não por parte dos alunos, mas dos pais. Eu diria, uma preocupação sem motivos. Partindo desse pressuposto acho que deveria haver mais projetos com o intuito de conscientizar, eu mesma cresci onde as crianças e adultos tinham medo de pessoas com NEE.
P13	O professor de apoio tem que trazer mais atividades para o aluno e fazer com que ele desperte interesse pela matéria.
P14	Eu considero que a escola regular ainda não tem preparo para atender diretamente o aluno com necessidades especiais, precisamos ainda de preparação para trabalhar com a inclusão, sem isso passamos essa insegurança para toda a turma.
P15	Relacionamento família e escola.

DIFICULDADES DO DOCENTE DO 1º CICLO DO ENSINO FUNDAMENTAL, NUMA ESCOLA INCLUSIVA.

P16	
P17	
P18	
P19	Participação e interação da família.
P20	

3. Quais são as dificuldades que sente mais frequentemente no exercício da sua atividade docente, para a inclusão dos alunos com NEE's no ensino regular?

P1	As dificuldades, são algumas adaptações como, rampas e barras nos banheiros para os cadeirantes.
P2	Recursos e materiais, e uma formação específica para trabalhar com a necessidade daquele aluno com NEE.
P3	O envolvimento familiar. A falta de conhecimento dos profissionais. Falta de recursos materiais (jogos, livros,tabletes, notebooks,softwares)
P4	Para cada caso de necessidades especiais existe um problema, mas via de regra é a falta de formação e a necessidade de dividir a atenção com toda a turma são os maiores problemas.
P5	Primeiramente teria que ter um professor formado em educação especial.
P6	Mais cursos de formação para professores com profissionais na área.
P7	A maior dificuldade é que não temos acompanhamento dos profissionais conhecedores das crianças, bem como nas condutas e atitudes adequadas.
P8	Melhor preparo para trabalhar com o aluno com NEE naquele determinado ano que o recebe. Interagir com a turma principalmente adequando o conteúdo para o aluno NEE conforme suas dificuldades.
P9	A falta de comunicação entre os envolvidos, e falta de interesse no processo.
P10	Considero que tanto o professor regente quanto o professor de educação especial não têm o preparo suficiente para trabalhar com o aluno NEE.
P11	O planejamento voltado para atividades em que todos os alunos possam participar da forma mais homogênea possível.
P12	Sem o auxílio de um professor de apoio, eu diria que é bastante difícil trabalhar a inclusão, seja pela falta de conhecimento acerca do problema enfrentado, ou também a maneira correta de conciliar as atenções entre a turma e o aluno especial.
P13	O professor de apoio tem que trazer tudo esquematizado de que forma ele vai trabalhar com o aluno em determinada matéria (um plano de aula).
P14	Um dos primeiros passos seria a formação adequada de todos os professores, tanto o da turma quanto o da inclusão, e conteúdos que sejam possíveis de se desenvolver para todos os alunos.
P15	Há muita demora para a liberação de diagnósticos e laudos médicos dos alunos com NEE, isso prejudica o nosso trabalho, no sentido de que

DIFICULDADES DO DOCENTE DO 1º CICLO DO ENSINO FUNDAMENTAL, NUMA ESCOLA INCLUSIVA.

	precisamos encontra a melhor forma para intervir no repasse do conhecimento.
P16	Faltam condições estruturais, equipamentos e materiais pedagógicos e apoio de profissionais especializados.
P17	A adaptação da disciplina para o aluno com NEE (dependendo da sua deficiência).
P18	Falta de recursos.
P19	Sentir-se sozinho para assumir tamanha reponsabilidade.
P20	Como trabalhar com alunos com NEE> metodologia Como incluí-los nos conteúdos A falta de recursos e materiais específicos Orientação dos profissionais e técnicos especializados

4. Na sua opinião quais os conteúdos / disciplinas que deveriam constar nos planos de estudo das escolas de formação de professores, para que estes pudessem atender de forma eficaz todos os alunos?

P1	Todos os professores, independente de quais disciplinas, deveriam ter estudos de formação, de como agir com os alunos com deficiência.
P2	Um trabalho mais concreto (lúdico) para abranger não só os alunos com necessidades especiais, mas todos.
P3	Neuro psicopedagogia. Inteligência emocional Feedback na aprendizagem. Farmacologia.
P4	O estudo específico dos problemas possíveis em sala de aula.
P5	Formação permanente em Educação Especial, em todas as disciplinas.
P6	Busca de atividades e adaptações junto ao ensino regular.
P7	Essa pergunta é aleatória, sendo que cada caso é um caso e temos diferentes alunos para ensinar, temos que estudar, pesquisar e fazer um trabalho que ao nosso ver satisfaça e condiga com os problemas que são apresentados pelos alunos, com relação a aprendizagem, porque a meu ver todos os alunos são especiais e dependem da conduta e direcionamento do professor, para que haja uma efetiva aprendizagem.
P8	Sobre as síndromes. Expectro autista.
P9	Humildade, solidariedade, respeito, amor ao próximo, cultura da paz, respeito a todos os seres, transcendência.
P10	Acredito que os conteúdos/disciplinas são vistos de forma bem superficial, sendo que, para a eficácia do ensino se faria necessário um estudo mais aprofundado em determinados temas.
P11	

DIFICULDADES DO DOCENTE DO 1º CICLO DO ENSINO FUNDAMENTAL, NUMA ESCOLA INCLUSIVA.

P12	Creio que conhecer as síndromes e / ou problema que cada aluno especial da escola possui, entender qual o conhecimento que a própria família tem acerca do problema, como lidam com isso, que acessibilidade a escola oferece, palestras com terapeutas ocupacionais, entre outros.
P13	Pelo que eu observo os professores de apoio na maioria das vezes estão em sala de aula somente como acompanhante, e não despertam o aluno para se interessar pelas aulas, não têm esse olhar como educadores.
P14	Uma forma de favorecer a construção da autonomia intelectual de cada aluno, que venha atender as diversidades na sala de aula, favorecera a interação e cooperação entre todos. Também deveriam ser criadas situações que aproximasse o máximo possível, “escola” e “social”, das práticas e conhecimentos, e que isso se converta em conteúdos na escola.
P15	Tratando sobre transtornos específicos e as formas de ensino nesta área.
P16	São inúmeras as possibilidades e necessidades do aluno que contemple seu aprendizado.
P17	Conteúdos voltados para a educação especial.
P18	Educação especial avançada, um estudo mais aprofundado de cada síndrome e necessidades especiais dos alunos.
P19	A educação e suas diversidades com relação aos alunos.
P20	Estudo das síndromes Temas relacionados ao trabalho com alunos com NEE para discussões e orientações.

5. Este espaço destina-se a comentários / observações que deseje fazer e considere importante sobre o tema focado e que não estejam contemplados neste questionário.

P1	Todas as perguntas que estão aqui estão de forma correta, nada a declarar.
P2	Precisamos de pessoas especializadas para dar a formação para os professores. Como um professor vai desenvolver um bom trabalho, se nem mesmo quem realiza as formações entende do assunto? Poucos professores se interessam pelo assunto, principalmente no ensino médio, entram dão sua aula, e aquele aluno fica esquecido, muitas vezes por falta de formação.
P3	Quando se fala em inclusão não basta apenas que os alunos especiais estejam em sala e sim que de facto a inclusão seja feita.
P4	Este questionário inclui dados importantes sobre a educação especial. Faz-se lembrar que educação especial é todos os dias, um trabalho feito com dedicação e amor.
P5	Todas as perguntas que estão aqui estão de forma correta, nada a declarar.
P6	O importante para nossos alunos é que se sintam integrados na turma na qual está inserido, desenvolvendo conforme seu tempo...buscando a socialização e integração com todos no ensino regular.
P7	Devia-se fazer uma emenda na lei que viesse a responsabilizar e comprometer os pais no que diz respeito ao compromisso que eles deveriam

DIFICULDADES DO DOCENTE DO 1º CICLO DO ENSINO FUNDAMENTAL, NUMA ESCOLA INCLUSIVA.

	ter para o sucesso e aprendizagem de seus filhos, como foi o caso da “palmada” que foi proibida e virou no que vemos hoje.
P8	
P9	Já tive diversos alunos incluídos em sala mas não no saber. Falta a construção do PPP inclusivo, discutido e comprometido.
P10	A inclusão dos alunos NEE”s é uma realidade presente no cotidiano escolar. Percebemos que deixar de entender estes alunos, seria um lamentável retrocesso na educação, porém sabemos que a forma como esse atendimento acontece está longe de ser ideal. Vários elementos foram elencados neste questionário, considero que todos são de suma importância. Existe um fator que considero muito importante e que gostaria de salientar aqui neste espaço: A comunicação direta entre o professor e os outros profissionais envolvidos no processo ensino aprendizagem dos alunos NEE (psicólogos, médicos, fisioterapeutas, etc...) Esta comunicação acontece intermediada por um terceiro profissional, deixando assim uma lacuna no processo. Considero que tal lacuna contribui para que os resultados não sejam de total qualidade.
P11	
P12	Gostaria que em alguma reunião ou parada pedagógica, tivéssemos alguém que conheça das síndromes e deficiências dos alunos da escola em questão, visando formar e informar todos os envolvidos com o aluno, para que além de informações, pudéssemos aprender a melhor maneira de tirar proveito das habilidades que certamente esse aluno é capaz de desenvolver.
P13	
P14	
P15	
P16	
P17	
P18	
P19	Acredito que precisamos melhorar muito no que diz respeito ao ensino aprendizagem, principalmente com a inclusão dos alunos portadores de necessidades educacionais especiais, porque não estamos preparados para tal.
P20	Trabalhar com alunos com NEE ´e um grande desafio. Cabe a nós professores buscarmos a melhor forma de incluí-los na turma, buscando estudar sempre n

ANEXO 07 – FOTOGRAFIAS DA ESCOLA

Figura 01: Fachada da Escola



Figura 02: Interior da Escola



Figura 03: Atividades na Escola



DIFICULDADES DO DOCENTE DO 1º CICLO DO ENSINO FUNDAMENTAL, NUMA ESCOLA INCLUSIVA.



ANALOGIA

O mundo em que vivemos assemelha-se a uma grande orquestra por onde permeia a inclusão, espaço mágico para conhecer, compreender, ajudar, cuidar e amar o diferente.

São inúmeros e variados os tipos de instrumentos, cada um pode emitir seu próprio som em seu próprio tempo, cabe ao maestro, conhecer os instrumentos, suas possibilidades de emissão de sons e promover a harmonia entre eles, para finalmente legitimar, a mais incrível, fantástica e tão desejada melodia...

A verdadeira inclusão !!!